

# Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



**OLIVIA DE HAVILLAND**  
A linda estrela de S. I. F., que vamos ver e admirar em «Robin dos Bosques»



as  
estrelas  
DO  
**Animatógrafo**

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHEAS CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHEAS ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

RÁDIO-FILMES

apresenta

«SOMBRAS DA RUA»  
(Primrose Path)

Produção e direção de  
GREGORY LA CAVA

Adaptação da obra teatral do mesmo nome,  
de Robert L. Buckner e Walter Hart

Personagens:

Ellie May Adams . . . GINGER ROGERS  
Ed Wallace . . . . . JOEL McCREA  
Mamie Adams . . . . . MARJORIE RAMBEAU  
Homer . . . . . MILES MANDER

Os dezassete anos de Ellie May (Ginger Rogers) vicejam em rua mal afamada duma cidade de província. O pai, Homer (Miles Mander), não teve forças para se medir com a vida e embriaga-se agora para explicar a sua incapacidade à família.



A mãe de Ellie é quem sustenta a casa; para tanto Mamie (Marjorie Rambeau) usa de recursos que a falta de recursos não chega para justificar. A pobre rapariga vai-se defendendo corajosamente das solicitações do meio, e foge do amor (?) como o diabo da cruz.



Ed Wallace (Joel McCreo), dono duma loja modesta, olha sempre a direito para Ellie, como é do agrado desta; forte amizade os vai unindo. Um dia Ed pensa que os amigos são para as ocasiões e, aproveitando uma ocasião propícia, de relance rouba um beijo à rapariga.



Ellie acha tão extraordinária a revelação do verdadeiro amor que o confessa a Ed. — «Por ti deixarei os meus!» E Ed casa com ela sem saber de que rocha escura brotou água tão pura. Como a vida agora decorre feliz! Até a loja parece ter mais freguesia.



O Ed é tão bom, tão leal... Por isso mesmo um pensamento ensombra o espírito da rapariga: a mentira sobre que assenta a sua felicidade. E acaba por lhe contar tudo. Ed não perdoa a mentira e acha também amarga a verdade.



O rapaz luta consigo mesmo, procurando uma distração de momento; Ellie luta por ela própria, não querendo voltar para o ambiente sombrio da rua mal afamada. O destino sorri-se, por se sentir mais forte do que os dois.



A rapariga, abandonada pelo marido, volta para casa no momento em que a mãe sente que vai morrer. Mamie suplica à filha que seja o amparo da família, e Ellie vê com horror abrir-se diante de si o mesmo cominho que a mãe trilhara.



A perspectiva não é realmente risonha. Aquela família é um torvelinho que acabará por arrastar a desencorajada Ellie. A lama da rua já lhe salpica os sapatos, a orla do seu vestido... Vem depressa, Ed!



Ed não podia desertar em momento tão crítico: tão bom, tão leal...

«Cheek to cheek», Ellie e Ed prefazem a condição essencial para se sentirem completamente felizes: — estarem convencidos disso.

(Texto de António de Carvalho Nunes)



## O grande realizador francês JEAN RENOIR está em Lisboa

Jean Renoir, um dos nomes mais famosos do cinema europeu, um dos chefes de fila do cinema francês, encontra-se em Lisboa há alguns dias.

Jean Renoir constitui, com René Clair, Julien Duvivier e Jacques Feudor, aquilo a que podemos chamar o «Cartel» do cinema de França, equivalente ao que celebrou os teatros de Paris dirigidos por Charles Dullin, Louis Jouvet, Gaston Baty e Jacques Copeau.

Mas o segundo filho do mestre de Limoges, o célebre pintor impressionista Renoir, distingue-se dos mais (como os mais se distinguem entre si) por uma personalidade fortíssima, que marca indelévelmente todas as suas obras, da primeira à última.

Renoir entrou no cinema muito cedo, logo a seguir à guerra, atrás do movimento originado por Louis Delluc, e em que se revelaram Feyder, Léon Poirier e Marcel Lherbier. Durante a guerra fôra piloto aviador e, com o armistício, dedicara-se passageiramente à cerâmica, que ainda hoje o apaixonava, como tudo o que directamente emanado do Homem, criado por ele, moldado por ele. Mas era no cinema que ia revelar-se a verdadeira vocação de Jean Renoir.

### A Carreira de Renoir

«Catherine» e «La Fille de l'Eau» foram os seus dois primeiros filmes, ambos com Catherine Hessling, sua mulher, que depois seria também a intérprete de «La Petite Marchande d'Allumettes» (a vendedora de fósforos) um filme com reais merecimentos, extraído dum conto de Andersen, e que o Central exibiu há um onze anos. A sequência da cavalgada nas nuvens, quer pela «crusade» técnica, quer pela ideia, ficou como uma das mais belas coisas do cinema da época. Seguiu-se-lhe «Nana», tirado de Zola, em que Jean Angelo e Werner Krauss contracenavam com Hessling, que foi uma Nana um tanto artificial.

«Le Bled» e «Le Tournoi dans la Cité» precederam «La Chienne», um filme realista, tratado com um tacto e um bom gosto dignos de nota. Era uma obra de incontestável valor, que tinha ainda o mérito de revelar um grande actor: Miché Simon. «Boudou Sauvage des eaux», feito a seguir, e em que Jean Renoir aproveita de novo Michel Simon, no hirsuto e pitoresco Boudou, ao lado de Dita Parlo, é um outro trabalho seu felicíssimo. «La Nuit du Carrefour», filme policial extraído dum romance de Georges Simenon, vem depois.

Em «Madame Bovary» dava-nos Renoir, com mão de mestre, uma admirável pintura da época e do ambiente provincial em que decorria a existência torturada da mulher de Charles Bovary, deslocada num meio diferente do seu, e de que transporta para o cinema em toda

Valentine Tisserand fizera uma verdadeira criação. «Tonis», um filme de atmosfera diferente, passado no meio rude e simples da gente do campo, em que a natureza era



JEAN RENOIR

Visto por Teixeira Cabral

a sua grandiosidade e em todo o seu esplendor, não desmerece do talento do homem que faria «A Grande Ilusão».

### «A Grande Ilusão»

O último filme de Renoir exibido em Portugal foi «A Fera Humana». Antes, dirigira uma «Marselhesa» de circunstância, que não passou nos «écrans» nacionais, como ainda também aconteceu à sua última realização, «La Règle du Jeu», manivelada já em plena guerra. Anterior a todos estes filmes é «A Grande Ilusão», a sua maior obra, que vimos há uns três anos no Tivoli. A sua maior obra e, sem dúvida, uma das maiores obras do cinema francês, pela «seriedade» e propriedade da encenação, reveladas na justa composição dos ambientes, na sobriedade exemplar dos diálogos, no perfeito desenho das figuras — e pela forma nobre, pertinente e objectiva por que tratara o binómio político-social do seu argumento, os seus dois grandes temas fundamentais: a rivalidade francesa e a diferença de classes. Em «A Grande Ilusão», Jean Renoir teve o enorme prazer de dirigir o seu grande amigo Eric Von Stroheim — prazer tanto maior quanto é facto que pôde e soube proporcionar-lhe uma espantosa criação na figura do oficial prussiano, composta com tanta exactidão e tamanha humanidade que suscitou o entusiasmo sincero e comovido de Goering. Eric Von Stroheim, aliás, não é para Re-

noir apenas um amigo querido e um intérprete admirável.

### O mestre: Eric von Stroheim

O grande realizador francês manifestou-nos a sua admiração por Von Stroheim numa forma de tal modo eloquente que, para nós, isso bastou para definir o seu carácter. Temos a facilidade de admirar por uma das mais nobres que foi concedida aos homens.

— Stroheim, disse-nos Renoir, é o maior de todos, o mestre incontestável. Todos nós lhe devemos alguma coisa. A forma actual de Lubitsch emana directamente do realizador desse espantoso «Greeda». O próprio Chaplin modificou o seu estilo sob a influência de Stroheim. Já sem falar dos que se limitaram a imitá-lo tranquilamente, como Sternberg.

«A saída de Stroheim de Hollywood é uma das ingratidões mais graves que a história do cinema regista. Os seus excessos, as suas «primeiras montagens» em trinta e duas bobinas (como sucedeu com «A Marcha Nupcial», aproveitavam demais a todos para que não valesse a pena suportar-lhes as despesas. Seria um nobre gesto reconduzi-lo aos estúdios que tanto lucraram, sob o ponto de vista artístico, com a sua presença».

### «A Regra do Jogo»

O último filme realizado em França por Renoir foi, como disse-nos, «La Règle du Jeu».

A produção desse filme foi feita em cooperativa, isto é: com todos os colaboradores interessados nos lucros do filme

Isto provocou, como não podia deixar de ser, uma reacção dos produtores-capitalistas. E a crítica (que, ao que parece, não podia passar sem eles...) foi unânime em desancar uma obra que não vimos e que, portanto, nos não atrevemos a julgar, mas que tinha, pelo menos, o mérito corajoso de romper com a tradição mórbida que empestava ultimamente o cinema francês.

Mas Renoir prefere seguir lealmente — a regra do jogo, do jogo cinematográfico em que todos os verdadeiros profissionais como ele arriscam constantemente a carreira, se se empenham em sair fora dos moldes estritamente comerciais que, em quasi toda a parte, regem sem apelo a arte cinematográfica.

### Futuro do Cinema Francês

Renoir confia no futuro do Cinema Francês. Descreve-nos carinhosamente os projectos de que falamos já em «Animatógrafo» e a futura Cidade Cinematográfica, de que Marcel Pagnol é o grande animador.

E diz-nos a sua confiança na orientação que o governo do Marechal Pétain tenciona dar à cinematografia francesa.

### Renoir na «Cine Città»

O inovador ousado da «Vendéia de Fósforos» procurou dar realidade a um projecto que de há muito acalentava — a realização de «Tosca». Não se julgue, porém, que seria a transposição servil para o cinema da ópera de Puccini! Re-



JEAN RENOIR juntou em casa do director de «Animatógrafo» no dia seguinte ao da sua chegada. Esta fotografia foi tirada nessa ocasião.



# JEAN RENOIR ACREDITA NO CINEMA LATINO

noir detesta suficientemente Pucini para que tal se pudesse dar. Pretendia, antes, aproveitar a peça de Victorien Sardou para fazer de um filme de carácter nitidamente policial, em que o convencionalismo exagerado da ópera fosse substituído por uma acção movimentada e emocionante.

E para isso o animador talentoso de «Grande Ilusão» partiu para Itália, onde, na Ciné-Citta, o filme devia ser realizado.

As possibilidades dessa magnífica organização, autêntica fábrica de filmes, construída e apetrechada segundo os mais recentes aperfeiçoamentos técnicos constituíam o meio óptimo para esse empreendimento.

Contudo circunstâncias fortuitas e depois a guerra, impediram que o filme fosse realizado.

A presença de Renoir em Roma, dada a sua categoria no panorama cinematográfico europeu, serviu de pretexto para um honroso convite do Centro Experimental de Cinematografia, a que o ministro da Cultura Nacional, Pavolini, dedica um carinho e um interesse muito especiais. E com aquela autoridade que todos lhe reconhecem, o encenador de «Fera Humana» realizou uma série brilhante de conferências.

## Renoir vai para Hollywood

O realizador de «La Chienne» vai para Hollywood. Não tem ainda

contrato com qualquer firma. O seu agente de Nova York aguarda-o com impaciência, confiado no êxito que alcançou «A Grande Ilusão» nos Estados Unidos. A bordo do «Clipper», ou do «Excalibur», ou talvez do «Serpa Pinto», Renoir estará na América antes do fim do ano.

Projectos? Não os tem. Gostaria, no entanto, de fazer um filme muito diferente de todos os que tem feito — mas que fosse, como todos os seus outros filmes, eminentemente francês.

## O Cinema Português

Renoir interessa-se por tudo o que se prende com o cinema. De passagem em Lisboa, vindo de Tanager (donde chegou, também, no sábado, a sua secretária Dido Freire, que é brasileira), logo procurou estabelecer contacto com o cinema português.

No dia seguinte à sua chegada encontramos-o fechado numa sala de projecção, a ver fitas portuguesas.

O primeiro que viu foi o documentário «A Aldeia mais Portuguesa de Portugal», produzido pela SPAC para o Secretariado da Propaganda Nacional. E a impressão que recebeu foi, segundo nos disse, a mais lisonjeira para nós.

— O maior, senão o único título de glória da nossa arte, declaramos, é a autenticidade. Ora as «Aldeias» dão-nos uma impressão de

autenticidade que raras vezes se vê respeitada pela fantasia dos encenadores, operadores e montadores de filmes. Além disso, a beleza, desconhecida para mim (embora meu irmão Pierre me falasse muitas vezes do vossó País, de que guarda uma recordação gratíssima, desde que veio a Lisboa como actor da companhia de Gabriel Signoret), das vossas paisagens, dos vossos trajes, da vossa arquitectura rústica, dão ao filme um sabor e um interesse que o torna projectável em toda a parte.

Porque entendo que a melhor forma de fazer filmes «internacionais» é respeitar escrupulosamente os caracteres da nacionalidade que os produz.

## Na Tobis e na Lisboa-Filme

O realizador de «Grande Ilusão» visitou, ciceronado por «Animatógrafo», o laboratório da Lisboa-Filme e o estúdio da Tobis. Não

escondê-lo seu pasmo por encontrar em Lisboa um laboratório tão bem instalado e apetrechado. O estúdio pareceu-lhe perfeitamente apto a produzir filmes de categoria.

— Aliás, já fui ver alguns aos cinemas de reprise, que me impressionaram vivamente. O cinema português tem características próprias, que o tornam sumamente interessante para mim.

## Por um Cinema Latino

Mas a declaração mais interessante que obtivemos de Jean Renoir foi a sua confiança na existência dum Cinema Latino, capaz de contrabalançar, na Europa, a escola americana.

— Não digo que o possa fazer sob o ponto de vista económico. Mas poderá com certeza fazê-lo sob o ponto de vista puramente artístico.

«Acredite: o Cinema Latino pode ser um facto».

# JOSEPHINE BAKER e JEAN MURAT também chegaram a Lisboa

Vinda de França, chegou a Lisboa e está hospedada no Aviz Hotel a célebre Josephine Baker, star exótica que Paris roubou à Revue Nègre americana, em 1927, e que nunca mais consentiu em abandonar, até que a guerra a exilou, como a tantos, da cidade dos seus amores.

J'ai deux amours...

Le premier c'est Paris!

Vindo da América do Sul, onde foi em viagem oficial de propaganda do cinema francês, também se encontra na nossa capital e no Avenida Palace, o actor francês Jean Murat, que é inútil apresentar aos nossos leitores.

Josephine e Murat são dois grandes amigos de Portugal. A primeira conhece-nos principalmente através do Brasil, que adora, e para onde se dirige, se um contrato imprevisto a não forçasse a regressar à sua França. O segundo não pode esquecer que foi em Portugal que trabalhou no cinema pela primeira vez (na Fonte dos Amores e nos Olhos da Alma, de Virginia Castro e Almeida), e que nas suas viagens anteriores tem sido recebido como «pessoa da casa».

Na impossibilidade de se ocupar deles neste número com o desenvolvimento que merecem artistas de tal categoria, «Animatógrafo» limita-se a saudá-los, anunciando para o próximo número dois artigos de sensação.

Faculdades... As pernas, pelo menos...

# Uma festa no SÃO LUIZ e uma sessão solene no SINDICATO dos Profissionais de Cinema em honra de JEAN RENOIR

«Animatógrafo» vai promover, de colaboração com a empresa do S. Luiz e com a Direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, uma festa em honra de Jean Renoir.

Nessa festa — uma «matinée» — será exibido o filme «A GRANDE ILUSÃO», de Renoir. O realizador dêsse extraordinário filme será apresentado pelo director de «Animatógrafo»; e éle próprio fará uma conferência.

Todos os inscritos no «Clube do Animatógrafo» receberão em casa, pelo correio, os bilhetes para a 1.ª FESTA de «Animatógrafo», que se realiza no SÃO LUIZ, às 16 horas da próxima SEXTA-FEIRA, 6 DE DEZEMBRO

Damos assim a primeira das surpresas que prometemos aos inscritos do nosso «Clube», que reunirá todos os cinéfilos da «Velha Guarda».

Todos os leitores de «Animatógrafo» que se apresentarem na nossa redacção, rua do Alecrim, 65, sobre-loja, até às 19 horas de Quinta-feira, 5 de Dezembro, levando consigo OS QUATRO PRIMEIROS NÚMEROS, receberão um bilhete para a festa do SÃO LUIZ, em que falarão JEAN RENOIR e ANTÓNIO LOPES RIBEIRO e será exibida «A GRANDE ILUSÃO»



— Mas parece-lhe que sua filha tem faculdades para o cinema?  
— As pernas, pelo menos...



# PANORÁMICA

## ■ «ralpe Venturoso»

Alguém, que se oculta sob o pseudónimo de «Felipe Venturoso», escreveu ao director do «Diário de Lisboa» uma carta a propósito de «Ninoitchka». Pelo alto quilate do estilo e do raciocínio, pela elevação e limpidez do espírito, essa carta e o seu misterioso signatário chamaram a atenção dos cinéfilos leitores do grande jornal da tarde — e, portanto, a nossa. O director de «Animatógrafo» escreveu uma carta ao sr. dr. Joaquim Manso, que logo foi gentilmente publicada, em que, a par de manifestar-lhe o júbilo das gentes do filme por ver um jornal diário ocupar-se de cinema «no sentido da profundidade», lhe rogava o obsequio de estabelecer contacto entre nós e «Felipe Venturoso», pois muito interessam ao nosso jornal colaboradores de tal valia.

«Felipe Venturoso» não se fez rogar, pois que disso o impediam a sua admiração pelo cinema, como arte e espectáculo social por excelência. A promessa da sua colaboração desvanecia-se. E ficamos aguardando, impacientes, que honre as nossas páginas com o seu primeiro artigo.

## ■ A Página dos «Novos»

O espaço de «Animatógrafo» não chega para as encomendas... que a nós próprios fizemos, ao dispor-nos a acolher todos os «novos» que quizessem ocupar-se, por escrito, de assuntos cinematográficos.

Não nos enganávamos, supondo que haveria quem tivesse condições para o fazer — e estivesse disposto a fazê-lo. Temos sobre a secretária muitos artigos, de valor desigual, mas todos eles animados pela mesma vontade de servir, com pena e papel, a arte cinematográfica. Todos nos pedem conselhos e que lhes digamos, no jornal, se os artigos serão ou não publicados.

E-nos, infelizmente, impossível escrever a cada um em pessoa, como desejaríamos. Resolvemos porém inaugurar, no próximo número, uma página a que chamaremos «A Página dos Novos», e em que publicaremos os artigos que o merecerem. E a todos os que nos enviarem colaboração para ela, responderemos numa secção especial dessa mesma página, intitulada «O Correio dos Novos».

Esperemos que esta nossa ideia, que vai de encontro a diversas sugestões que nos foram feitas, combinando-as pela forma que julgamos melhor, tenha o aplauso dos nossos leitores.

## ■ Cultura cinematográfica

Um médico nortenho, numa carta interessantíssima que nos escreve, e de que temos ocasião de voltar a ocupar-nos, pede-nos para ministrar principalmente em «Animatógrafo», aquilo a que chamamos, na «Imagem» e no «Diário de Lisboa», onde publicamos secções com esse título, — «Cultura Cinematográfica».

Julgamos ser isso o que temos feito até aqui. E continuaremos a fazê-lo, não numa página especial, mas em todas as páginas de que dispomos, *inclusive nas próprias páginas de publicidade*. Se alguma coisa há de original no plano de «Animatógrafo», supomos ser exactamente essa unidade, que vai do fundo às secções humorísticas, da legenda da capa aos próprios anúncios. Em tudo procuramos informar melhor, esclarecer, interessar mais o leitor pelas coisas do cinema e pelos seus obreiros. Porque, ao contrário do que afirmam os «especialistas», para amar uma coisa com vantagem é indispensável conhecê-la bem.

## ■ O falso alarme de Charlot & Esposa

Foi verdadeiramente pitoresca, aquela tarde de sexta-feira, passada em Cabo Ruivo, à espera do sr. Charles Chaplin e da sr. Goddard. Estiveram presentes todos os jornais e, entre

# A mobilização da «VELHA GUARDA»

Não tenho por costume hesitar no lançamento duma iniciativa, sempre que dela possa resultar qualquer vantagem para o cinema. Não receio o ridículo. O medo ao ridículo é o pudor dos fracos. Não hesitei portanto ao lançar a ideia do «Clube do Animatógrafo», Clube de Cinéfilos que se não envergonhassem de se apresentar como tal, de proclamar públicamente o seu amor à arte que nos prende.

O que nunca supuz é que a ideia tivesse tão imediata e tão completa aceitação. Julguei que fôsse necessário toda uma longa série de artigos, toda uma série de promessas hábeis, de «iscas» onde mordesse o peixe que almejávamos...

Pois no próprio dia em que foi publicado o nosso primeiro artigo, perguntando onde estavam os cinéfilos de há dez anos, duas dezenas de postais e cartas nos trouxeram a consoladora certeza de que, hoje como ontem, não combatíamos sózinhos. E no dia seguinte vieram mais. E no outro dia, e no outro e todos os dias.

Tão interessantes se nos afiguram os termos em que essas adesões espontâneas nos foram comunicadas, que estamos organizando, na impossibilidade de as transcrever a todas, uma página em que figurem, ao lado dos cem primeiros nomes, os trechos mais significativos, respigados no volumoso correio do Clube.

Mais extraordinário ainda que o seu número é o facto de todos, sem excepção, terem compreendido o intuito do nosso chamamento. Nenhum nos pede nada, nem pergunta nada, nem alvitra coisa alguma. Apresenta-se, como um soldado, disposto a aguardar disciplinadamente o momento de agir. E agir, neste caso, é aparecer, é acorrer em todos os momentos e a todos os lugares onde «Animatógrafo» julgar a sua presença útil ao cinema. É uma autêntica «mobilização» — a mobilização da «Velha Guarda» cinéfila.

Obrigado, pela confiança que tiveram em nós, e que manifestaram de forma tão simples e, por isso mesmo, tão tocante!

Como podem ver na 2.ª página, o «Clube do Animatógrafo» não tardou em dar sinais de vida. Já organizou uma festa — a sua primeira festa — no São Luiz, que João Ramos, cinéfilo dos melhores, prontamente e muito gentilmente, pôs à disposição do nosso «Clube». Nela teremos o prazer de ouvir Jean Renoir, o cineasta francês que seria uma afrenta apresentar a cinéfilos. E eu próprio terei a suprema honra — e o supremo atrevimento... — de vo-lo apresentar.

É claro que os inscritos nestes escassos sete dias não chegam ainda para encher a magnífica sala da Rua António Maria Cardoso. Por isso convidamos também os cinéfilos mais novos, leitores de «Animatógrafo», e aqueles que, sendo «velhos» ainda não tiveram tempo ou coragem para se inscrever. Mas os inscritos do «Clube» receberão os bilhetes em casa, pelo correio, prêmio merecido do seu cinefilismo.

Contamos com todos eles para a festa de sexta-feira próxima, no São Luiz. Temos a certeza de que lá estarão.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

eles, firme no seu posto, como não podia deixar de ser — «Animatógrafo», representado pelo director e por nada menos de quatro redactores — um fotógrafo! O nosso director empunhava um enorme ramo de cravos, que se destinava à protagonista de «Tempos Modernos», hoje Mistress Chaplin. Além dos jornalistas, empresários de cinema, distribuidores de filmes, actores, operadores cinematográficos, experimentavam-se obturadores, estudavam-se ângulos; praticava-se mentalmente inglês; corria o nervosismo dos grandes momentos. Não havia dúvida: Charlot & Esposa teriam em Lisboa uma recepção condigna.

Um primeiro quadrimotor da Pan American, que prevenira gentilmente os jornalistas da chegada dos dois «astros», poisou suavemente no Tejo. Era ali que vinha o sr. Chaplin. Não, informaram-nos: naquele vinha a sr. Goddard. O sr. Chaplin chegaria no hidro-avião seguinte, esperado uma hora depois.

Todos os olhares se voltaram para o pontão de madeira. O director de «Animatógrafo» espetou o ramo... E chegou a sr. Goddard!

Mas... não era *Paulette* Goddard. Era uma simpática senhora, chamada Irene Goddard,

que nem sequer é prima da sensata rival de Rosalind Russell em «Mulheres».

Paciência. Esperar-se-ia pela outra metade do casal, a mais imponente: o sr. Charles Chaplin.

Chegou o segundo quadrimotor. Já era ao lusco-fusco. Encarquilharam-se bem os olhos. E chegou o sr. Charles Chaplin!

Mas... não era Charlot. Era um sujeito novo, magro, alto, com um casaco muito curto, óculos à Harold, um ar muito mais cómico que o de Charlot quando está à paisana!

Todos os presentes soltaram uma gargalhada. Não estranha série de coincidências atingia proporções fantasmagóricas, que compensavam a desilusão.

E o sr. Charles Chaplin, que assim se chama, de facto, o viajante dizia-nos, sorrindo:

— Acontece-me isto muita vez... E' pena que eu não seja Charlot, lá isso é...

Voltámos de Cabo Ruivo, naquela tarde de sexta-feira, com a consciência do dever cumprido.

Porque nós — cumprimos o nosso dever. Os acontecimentos é que não cumpriram o seu.



# NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

## FRANCHOT TONE regressa à Califórnia

Franchot Tone não se deu bem em Hollywood, por razões que não foram nunca perfeitamente esclarecidas. Uns atribuíram isso ao facto dos produtores lhe terem dado, sobretudo nos últimos tempos do seu contrato, papéis em filmes que não estavam não só à altura de sua categoria, como dificilmente se adaptavam à sua personalidade de actor.

Outros, porém relacionaram o caso com o ambiente social especialíssimo de Hollywood, que muito contribuiu para o seu divórcio de Joan Crawford, a quem, é inegável, dispensava verdadeira amizade e veneração.

O que é facto é que certo dia Franchot Tone desertou da Califórnia, trocando os estúdios de Hollywood pelos palcos acolhedores de Nova York, onde fez, com enorme êxito, algumas temporadas. Por exemplo «Fifth Column», peça de Ernest Hemingway, sobre a guerra de Espanha, foi um triunfo.

Agora, porém, quer fossem as saudades do sol acariciador da costa do Pacífico, ou a atracção aliciente dum ótimo contrato, o que é facto é que o filho pródigo voltou. Franchot Tone está já em Hollywood, contratado pela Universal, onde vai interpretar um fil-



FRANCHOT TONE

me produzido por Joe Pasternack. Intitula-se *The Vigilante*, e tal como outros dois filmes daquela companhia — «A Cidade Turbulenta» de Marlene Dietrich e «When the Daltons Rode», com Broderick Crawford e Mischa Auer — decorre nas pradarias sem fim e nos montes agrestes do oeste americano.

## COISAS INDISCRETAS

### LONGE DA VISTA...

Alice Faye divorciou-se há poucos meses, por incompatibilidade de gênios, de Toni Martin, acontecimento que causou verdadeira admiração, por inesperado, em Hollywood, pois era um casal que parecia viver na mais doce lua de mel.

Ora há pouco, quando com algumas pessoas amigas Alice jantava no Cyrò's, um telefonema transcontinental chamava-a. Quando voltou vinha sorridente e contentíssima. O telefonema era de Tony, que está actuando num teatro de Broadway, e diariamente telefona à loura e aliciente Faye.

São assim, os divórcios em Hollywood...

### JUDY GARLAND QUERE CASAR

A simpática e insinuante Judy Garland aparece agora em toda a parte acompanhada de Mrs. Garland, sua mãe, e de Dave Rose, ex-marido de Martha Raye. Não há café nem restaurante, do Lamente ao Ching Howe, onde o trio não faça a sua aparição.

Mas a Metro Goldwyn Mayer está por seu lado fazendo todo o possível para que as relações acabem, pois receia que a companhia de Rose, mais velho que Garland quinze anos, e para mais divorciado, possa prejudicar a carreira de Judy, por poder contribuir para a destruição, no espírito do público, da feição infantil das personagens que ela vive no cinema.

ton» azul para os lábios, a que foi posto o nome incongruente de «Canadian Evening» — tarde canadiana.

— Que mais virá, depois dos lábios — e dos beijos — azules!

## O novo filme de CLAUDETTE

Claudette Colbert é uma das mais sensíveis e talentosas actrizes do cinema americano, cujas criações marcam pela sinceridade e humanidade com que foram vividas.

Por isso mesmo é também uma das mais procuradas artistas do filme americano. Agora, em face do êxito alcançado pelo filme da Metro «Boom Town» foi ela escolhida para primeira figura de *Some Day I'll Find You*, onde aparecerão Spencer Tracy, Clark Gable e Hedy Lamarr que foram também os intérpretes daquele outro filme.

O argumento de «Algun dia haremos de nos encontrar» conta-nos as aventuras de dois correspondentes de guerra americanos — Spencer Tracy e Clark Gable — em serviço na Europa, e que acompanham os acontecimentos de que o Velho Mundo tem sido testemunha, desde a declaração de guerra até à ocupação de Paris pelo exército alemão, fazendo Claudette Colbert e Hedy Lamarr os seus companheiros inseparáveis.

A título de curiosidade dizemos que aquele argumento custou à Metro Goldwyn Mayer a modesta soma de 45 mil dólares, ou seja, na nossa moeda qualquer cousa como mil e cem contos!

## AS ESTRÊLAS fazem economias

As vedetas americanas de grande categoria, com ordenados que alcançam por vezes somas fabulosas, vivendo rodeadas dum luxo e duma comodidade verdadeiramente asiáticas — de que é exemplo frizante Claudette Colbert, que foi no ano de 1939 a estrêla que mais dinheiro recebeu — viram-se este ano obrigadas a diminuir o seu nível de vida, a baixar dos seus palácios das mil e uma noites para os ambientes vulgares de qualquer mortal.

Foram os impostos de rendimento, os famosos *income-tax*, este ano consideravelmente aumentados, os causadores dessa transformação radical.

Esses impostos atingem, segundo cálculos estabelecidos, cerca de três quartas partes das importâncias dos ordenados!

Este acontecimento veio estabelecer o pânico nas hostes ricas de Hollywood. Não mais mansões rivalizando com os opulentos castelos feudais; não mais multidões de servidores. Nada de jardins aparatosos nem piscinas milionárias. Acabaram-se as colecções de automóveis!

Um exemplo frizante: Harold Lloyd, considerado o mais rico homem do cinema — com uma fortuna avaliada em perto de seis milhões de dólares — vai deixar o seu famoso palácio, avaliado em três milhões de dólares os seus sessenta e cinco servidores, os seus jardins de sonho, para se instalar em bem mais modestos domínios, num «bungalow» de Beverly Hills!

## O MERCADO DO AMOR

### OS ÚLTIMOS CASAMENTOS

Sonja Hennie e Dan Topping, um senhor que não pertence ao meio cinematográfico.

— Loretta Young com Tom Lewis, personalidade de destaque da rádio americana, Loretta, que jôra casada já em 1931, com Grant Withers tem 27 anos e o noivo 38.

### OS MAIS RECENTES DIVÓRCIOS

Lana Turner, a estrelinha da Metro Goldwyn Mayer, encarregou o advogado Richard Cautillon de pedir em Reno o divórcio de Artie Shaw, chefe de orquestra de Jazz, com quem se casara há três meses.

### UM NASCIMENTO

Nasceu uma filhinha a Anne Shirley e John Payne, o galã de «Estrêla Luminosa».

## Os lábios azuis de Paulette Goddard

Paulette Goddard, a perturbante esposa de Charlie Chaplin, cujo real talento e peregrina beleza podem ser admirados no filme que o Eden agora exhibe — «Mulheres» — acaba de lançar uma moda absolutamente imprevisível, que está fazendo tanto furor em Hollywood, com que foram acolhidos há alguns anos, os primeiros cabelos loiros platinados. Trata-se dum «ba-

## A PARAMOUNT vai reeditar as suas obras-primas

O problema dos complementos de programas, os «shorts», como é uso chamarem-se-lhe, é um dos mais difíceis e complicados de resolver, dada a dificuldade de uma produção cuidada, por dispendiosa, a qual não encontra um compensador rendimento comercial. Daí o serem poucas as companhias americanas que se dedicam à produção dos filmes de curta metragem, que são, aliás, elementos indispensáveis na composição dos programas.

Para até certo ponto obviar a esse inconveniente, resolveu a Paramount, para servirem de complementos aos seus filmes de fundo, reeditar alguns dos seus grandes êxitos, mas em versões condensadas em 4 ou 5 partes, formadas pelas passagens de maior interesse e cuidado técnico, ligadas por legendas explicativas de forma a que o argumento possa perfeitamente ser seguido pelo espectador.

O primeiro filme que a Paramount vai sujeitar a uma tal operação é «Love me Tonight», realizado em 1932 e interpretado por Maurice Chevalier, Jeanette Mac Donald e Myrna Loy.

A ideia, embora discutível, sob o ponto de vista da integridade artística duma obra, permite no entanto que sejam oferecidos de no-

vo ao público filmes de êxito que de outra forma seria impossível tornar a ver.

A «Ama-me esta Noite» vão seguir-se outros títulos famosos como sejam «Ladrões de Alcovas», de Lubitsch, com Herbert Marshall e Kay Francis, «Ruas da Cidade» de George Cuckor com Gary Cooper e Silvia Sidney, «Parada do Amor» de Lubitsch também com Chevalier e Jeanette Mac Donald, «Lanceiros da Índia» com Gary Cooper e Franchot Tone, «Uma Hora Contigo» de Chevalier, etc.

## FITAS NA FORJA

● *You'll Find Out* com o chefe de orquestra Kay Kyser, Peter Lorre, Boris Karloff, Bela Lugosi, Helen Parrish, Dennis O'Keefe, Alma Kruger. Dirigido por David Butler. R. K. O. (Rádio Filmes).

● *Cheerke Strip* com Richard Dix, Florence Rice, William Henry, Victor Jory. Dirigido por Lesley Selander. Paramount.

● *The Topper Returns* com Roland Young, Billie Burke, Marjorie Woodworth. Realização de Roy Del Ruth. Hal Roach. (Sonoro Filme).



# CINEMA PORTUGUÊS

## O Cinema pode ser o nosso melhor

**ADOLFO COELHO, encenador de «Pôrto de Abrigo», o novo filme português produzido pela Lisboa Filme, expõe neste artigo as suas ideias pessoais sobre o cinema e, em particular, sobre o CINEMA PORTUGUÊS**

Se é uso avaliar-se o estado de adiantamento de um povo pelo total de quilos de papel de impressão gasto anualmente, não seria menos significativo medi-lo em bobines de filme produzido e projectado, pois no plano cultural a postivadora corre parilha com a «linotype». E hoje indubitável que aos dois velhos processos de transmissão de ideias, a linguagem falada e a linguagem escrita, se juntou um terceiro: a linguagem cinematográfica, e quando escrevemos «linguagem» não queremos referir-nos ao «cinema sonoro» mas sim àquela expressão por meio de imagens sucessivas que é a base do cinema; assim como o aluno na escola teve de aprender os valores das letras, as regras da sua ligação em sílabas e mais adiante a sua aglomeração em palavras, também houve da parte das últimas gerações uma aprendizagem das regras e do sistema de valores do cinema, assim é compreendido por toda a gente que «fundo» representa uma passagem de tempo, uma transição de assunto, que um «encadeado» traduz um abreviar de operação, uma simultaneidade de sentimentos, etc.; numa palavra, temos já uma cartilha da expressão cinematográfica, como temos uma cartilha para a escrita e a leitura.

E por esta sua universalidade que o cinema representa bastante mais do que uma modalidade de espectáculo, embora isto possa surpreender os «cinéfilos» que apenas admiram as habilidades de uma Greta Garbo ou de um Charles Boyer; o cinema como sistema de linguagem, como veículo de transmissão de ideias, é um instrumento que interessa à cultura da nação tal como a rede das escolas primárias, o alargamento dos liceus ou a criação de uma universidade.

Perante o cinema, não há países pequenos ou grandes, não há países ricos ou pobres, há somente países incultos e países cultos.

Portugal que procura afanosamente erguer o seu nível cultural, banindo de vez o seu trágico analfabetismo, tem que fazer cinema, como tem que abrir mais postos de ensino, como tem de editar mais compêndios de leitura; e porque o cinema é mais directo e mais rápido do que a letra impressa, ele pode ser desde já para a massa dos iletrados o veículo da cultura, a deslumbrante lição de coisas e de ideias, susceptível de os integrar no seu verdadeiro papel social, arrancando-os à sua triste condição de ilotas do espirito.

Portugal pode e deve fazer, desde já, cinema cultural, editar em pequenos filmes os diversos compêndios da instrução primária: a história da pátria, a sua corografia, os seus usos, os seus costumes, a sua arquitectura, as suas

riquezas agrícolas, industriais, mineiras, etc. Pode também ensinar o que são os assombrosos valores do nosso império colonial... perdão, neste capítulo, passamos já do terreno da hipótese para o da realidade pois que António Lopes Ribeiro está modelando presentemente uma série de preciosas culturais colhidas através da nossa África. São ainda do domínio da realidade as produções do S. P. N. e a modesta contribuição do Ministério da Agricultura, mas falta o grande impulso que terá de ser dado pelo Ministério da Educação Nacional, apetrechando as escolas com aparelhos de projecção, estabelecendo o plano da produção cul-

tural e subsidiando rasgadamente as iniciativas criadoras.

E não venham dizer-nos que somos um país pequeno, que os escassos sete milhões... porque no dia em que dispuzermos de uma sólida cinematografia cultural, depois de ela ter produzido o seu efeito benéfico no continente, terá como vastíssimo campo de sementeira o império colonial português, essas dezenas de milhões de portugueses de cor, a todos os quais ainda não chegou a palavra civilizadora dos missionários e dos pioneiros, e que aguardam como um terreno virgem e sequioso a mensagem aglutinante do espirito nacional.

Mas dirão os cinéfilos 100%, e o cinema espectáculo, o cinema arte, o cinema drama, o cinema comédia, não será também uma possibilidade nacional?

Certamente que sim, visto que desde Gil Vicente até aos nossos dias, sempre tivemos teatro, porque não havíamos de ter cinema português? Evidentemente que o mercado é pequeno, e que nos «ecrans» se projecta a sombra colossal da produção estrangeira, mas isso não obsta a que, sem epilepsias de super-produções, nem desânimos estiolantes, se produza com regularidade cinema nacional, modesto mas limpo, que vá dando satisfação à legítima exigência do público que quer cinema português, e seja ao mesmo tempo escola de técnicos e de artistas, pois que só assim se pode assegurar a continuidade capaz de dar unidade criadora aos esforços isolados dos pioneiros do cinema lusitano.

ADOLFO COELHO

## VER... E FALAR

*E o Leitão de Barros?*

Esta é a pergunta de muitos cinéfilos sobre os projectos de um homem a quem o cinema português inevitavelmente tanto deve. Esta seccão não se fez para elogios bafofos ou desvaireamentos encomiásticos. Preferimos ser sinceros. Leitão de Barros, artista de raça, inteligência lúcida, prefere com certeza as palavras simples e bem intencionadas à bujulação dos seus falsos adoradores.

Todos os seus filmes têm defeitos — grandes defeitos! Mas, a par deles, quantas qualidades, quantas coisas belas, quantas canseiras para criar um espectáculo cinematográfico? Foi ele quem primeiro ousou sair fora da miséria franciscana da maior parte dos documentários nacionais que os nossos cinemas exibiam. Era simplesmente desolador o panorama do cinema português, servido por gente que seguia um amargo trilho de decadente desinteresse, quando surgiu «Nazare, praia de pescadores». Leitão de Barros fez, até milagres.

Os filmes destinam-se ao povo. E os de Leitão de Barros conseguem fazê-lo vibrar como poucos. Ele tem o segredo de criar espectáculo. Pode, às vezes, forçar-se o nariz a este ou aquele ponto — mas, talvez, Leitão de Barros tenha razão...

Há espectáculos que caem, que desagradam, que fazem fiasco. Mas o público sabe sempre defendê-los. Em matéria de cinema, foi protegendo e acarinhando os filmes mais fracos que a França, por exemplo,

consegiu fazer os filmes fortes dos dias antes da guerra. Diz-se que nunca houve uma campanha contra a produção francesa. A crítica, mesmo nos tempos dos péssimos filmes franceses, foi sempre benévola. E o público — esse mostrou

seu gosto. Entre nós, ser edificável e inócnimo de superioridade intelectual. Em toda a parte, nós conhecemos um senhor que se chama simplesmente, Lopes ou Silva, como qualquer de nós, mas que é muito mais «edificável» do que nós. Fala sempre mais alto do que os outros. É um convencido e, às vezes, consegue fazer com que os outros o escutem. Tem perlongas sabichonas sobretudo. Mas, então, acerca do cinema é um águia. «O que isto anda a precisar é varredela!»

São esses que estragam tudo. Não vão ao cinema para tirar partido do espectáculo. Entram com a ideia fixa do espirito crítico ou da desconfiança: «vamos lá ver esta porcaria». Não procuram emocionar-se, integrar-se no espectáculo, ir vê-lo. E mesmo quando aplaudem não o fazem como uma criatura viva que se satisfaz. Fazem-no como um juiz que absolve...

Mas, voltemos à pergunta, muito a sério:

— E o Leitão de Barros? Infelizmente, por enquanto não posso garantir coisa alguma. A última vez que o vi disse-me que pensava fazer um grande filme de verdadeiro interesse nacional. Expôs-me o plano, mas com medo que eu atraísse jornalisticamente os seus projectos, não deu a certeza de coisa nenhuma.

A verdade é que, dessa vez, apesar de andar afastado do cinema, senti que ele tinha saudades da paisagem do Cinema das «inúrgas» e de tudo...

AUGUSTO FRAGA





# VIDA CORPORATIVA

de Cinema abrangia 83 categorias profissionais diferentes. Disse-mos também que elas se diferenciavam perfeitamente umas das outras. Pareceu-nos interessante publicar a sua relação, pois é bem demonstrativa da importância da organização cinematográfica.

Temos-nos referido á tendência que se verifica entre nós de considerar o cinema um mero produto de importação, sem viabilidade em Portugal, o que o torna oneroso e pouco proveitoso para nós. Daí a origem de certas campanhas surdas (porque ninguém se atreve a fazê-lo claramente, certos de que logo haveria quem o desmentiria sem apêlo), em que se pretende desinteressar o público e

## CATEGORIAS PROFISSIONAIS

principalmente, o Estado duma actividade que, pretende-se, só beneficia o estrangeiro.

A simples leitura da relação que publicamos basta para convencer de que existem muitos trabalhadores portugueses para quem o cinema é legítimo ganha-pão.

O Sindicato abrange os três ramos da indústria cinematográfica: Produção, Distribuição e Exibição. A relação de categorias profissionais foi discutida, aprovada em assembleia geral, informada por quem de direito e tomada official por despacho do sr. Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social.

Além desses considerados, para todos os efeitos legais, profissionais de cinema, o cinema dá ainda trabalho a muita gente, filiada noutros sindicatos: no dos Empregados do Escritório, no dos Electricistas, nos dos Músicos, nos dos Artistas Teatraes.

E há ainda os patrões, os empresários, filiados nos respectivos grêmios: o dos Distribuidores de Filmes e o dos Cinemas.

Quácl todas as categorias profissionais previstas e enumeradas na relação que publicamos mesmo as da Produção estão preenchidas por portugueses, que, se não têm a prática que só poderia dar-lhes a continui-

dade da produção, não estão mesmo assim, a trabalhar inteiramente às cegas.

Produzem-se filmes sonoros em Portugal desde 1931. E todos eles têm sido produzidos, mais ou menos, com as mesmas pessoas. Isto quer dizer que o que nos falta principalmente não são equipas, nem mesmo especialistas. Qualquer pessoa bem informada — e bem intencionada... — poderá garantir que isto é assim.

A porverbal facilidade de adaptação dos portugueses ao trabalho verdadeiro milagres. Não é pela má qualidade técnica que pecam as fitas nacionais. E' antes, por tudo aquilo que não depende propriamente dos técnicos, dos trabalhadores, mas da própria organização industrial.

O Sindicato pretende estender á produção, logo que lhe seja possível, os ensinamentos que já consegue ministrar, embora em pequena escala, por intermédio das suas Comissões Técnicas (a do Norte merece louvor particular, pela acção desenvolvida), aos projectionistas. Nada de escolas apparatus, de programas complicados. Mas o locionamento dos princípios essenciais da cinematografia.

Logo que a produção entre num regime mais regular (e há, neste momento, quem esteja empenhado em conseguir-lo a todo o transe), será elaborado definitivamente o Regulamento dos Profissionais de Cinema, que se vai estudando há longos meses, e que estabelecerá as regras que definirão as 83 categorias profissionais aqui enumeradas, estabelecendo-lhe a precedência e a forma de ascender a elas, com utilidade e justiça.

## RELAÇÃO DAS CATEGORIAS PROFISSIONAIS ABRANGIDAS PELO SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE CINEMA E DE QUE PODE SER PASSADA CARTEIRA PROFISSIONAL

### PRODUÇÃO

#### I — PESSOAL TÉCNICO SUPERIOR

- 1 — Realizador
- 2 — Planificador
- 3 — Decorador cinematográfico

#### II — PESSOAL DE IMAGEM

- 4 — Operador de Imagem
- 5 — Assistente de Imagem
- 6 — Ajudante de Operador

#### III — PESSOAL DE SOM

- 7 — Engenheiro de Som
- 8 — Operador de Som
- 9 — Assistente de Som
- 10 — Assistente de Microfones

#### IV — PESSOAL AUXILIAR DE REALIZAÇÃO

- 11 — Assistente de Realização
- 12 — Ajudante de Realização
- 13 — Anotador
- 14 — Aderecista
- 15 — Ajudante de Aderecista

#### V — PESSOAL DE ESTÚDIO

- 16 — Electricista-Illuminador
- 17 — Mecânico-Cinematográfico
- 18 — Assistente-Decorador
- 19 — Carpinteiro-Chefe
- 20 — Projectcionista de Estúdio
- 21 — Fiel de Estúdio
- 22 — Electricista de Cena
- 23 — Carpinteiro de Cena

#### VI — PESSOAL DE CENA

- 24 — Fotógrafo
- 25 — Chefe-Characterizador
- 26 — Characterizador
- 27 — Ajudante de Characterizador
- 28 — Contra-Regra Cinematográfico
- 29 — Chefe de Figuração
- 30 — Marcador de Cenas

#### VII — INTERPRETES

- 31 — Actor
- 32 — Compara
- 33 — Figurante

#### VIII — PESSOAL DE MONTAGEM

- 34 — Primeiro Montador
- 35 — Segundo Montador
- 36 — Ajudante de Montador

#### IX — PESSOAL DE LABORATÓRIO

- 37 — Chefe de Laboratório
- 38 — Chefe de Revelação
- 39 — Ajudante de Revelação
- 40 — Chefe de Positivção
- 41 — Ajudante de Positivção

- 42 — Chefe de Trucagem
- 43 — Ajudante de Trucagem
- 44 — Desenhador Cinematográfico
- 45 — Impressor de Legendas
- 46 — Ajudante de Impressor de Legendas
- 47 — Chefe de Revisão (Prod.)
- 48 — Revisora (Prod.)
- X — PESSOAL DE ESCRITÓRIO
- 49 — Chefe de Serviços (Prod.)
- 50 — Chefe de Serviço (Prod.)
- 51 — Reclamista (Prod.)

### DISTRIBUIÇÃO

#### I — PESSOAL DE EXPEDIENTE

- 52 — Gerente (Distrib.)
- 53 — Secretário de Gerência (Distrib.)
- 54 — Chefe de Serviços (Distrib.)
- 55 — Chefe de Serviço (Distrib.)
- 56 — Reclamista (Distrib.)
- 58 — Programista
- 59 — Ajudante de Programista
- 60 — Viajante (Distrib.)

#### II — PESSOAL DE REVISÃO

- 61 — Chefe de Revisão (Distrib.)
- 62 — Revisora (Distrib.)

#### III — PESSOAL DE EXPEDIÇÃO

- 63 — Expedidor de Filmes e Réclamo
- 64 — Expedidor de Filmes
- 65 — Expedidor de Réclamo
- 66 — Ajudante de Expedição

#### IV — LEGENDISTAS

- 67 — Tradutor-Marcador de Legendas

### EXIBIÇÃO

#### I — PESSOAL DE CABINE

- 68 — Montador de Máquinas de Projecção
- 69 — Primeiro Projectcionista
- 70 — Segundo Projectcionista
- 71 — Ajudante de Projectcionista

#### II — PESSOAL DE ESCRITÓRIO

- 72 — Gerente de Cinema
- 73 — Secretário de Cinema
- 74 — Reclamista (Exib.)

#### III — PESSOAL DE SALÃO

- 75 — Bilheteiro
- 76 — Ajudante de Bilheteiro
- 77 — Fiscal de Cinema
- 78 — Ajudante de Fiscal
- 79 — Fiel de Cinema
- 80 — Ajudante de Fiel de Cinema
- 81 — Porteiro de Cinema
- 82 — Porteiro-Arrumador
- 83 — Arrumador



O famoso realizador Layton Bar pensa dedicar-se, em breve, a um novo género de filmes. Vai produzir filmes de desenhos animados de larga metragem. O seu primeiro trabalho intitular-se-á em português «O Pinocchio das cegadas» e começa com uma «cegada a História», dirigida pelo animador Henry Gaucanz.

— Vai produzir-se a versão sonora do célebre filme «Love of Perdition» que fez as delicias dos cinefilos românticos. Para interpretar a protagonista vai ser convidada a célebre trágica Marie Mattush.

— O cineasta Tony Wyllar, que tem actuado em vários filmes como characterizador, decorador, assistente, cantor e actor vai, em breve e pela primeira vez, trabalhar no cinema.

— A firma brasileira «Cinédia» vai fazer uma nova versão do filme «Mulheres». Foram convidadas para interpretar os papéis criados na versão americana por Rosalind Russell e Paulette Goddard as actrices Mirly Housybook e Mary Paul. A cena de pancadaria entre as duas artistas deve resultar dum grande realismo e como na fita não entram homens o pai da primeira não intervirá.



A propósito da reexibição de «Feitiço do Império»

# Se TEODÓSIO CABRAL quizesse poderia ser o TOM MIX português

Conheci Teodósio Cabral numa pastelaria de Lisboa, onde tomava um «whisky» na companhia do seu amigo dilecto, o capitão Henrique Galvão.

Não é possível conceber ambiente mais impróprio de Teodósio Cabral que uma pastelaria. Teodósio não nasceu no mato. Mas nasceu e para o mato. A sua vigorosa silhueta, toda em força, a sua pele tannada pelo sol de Angola, os seus olhos inconfundíveis, que lembram dois canos de revólver apontando sempre a direito, é impossível de edificar entre bocais com «drops» e prateleiras com bôlos.

Lembro-me que vestia um casaco de «sport», de boa mescla inglesa, e que trazia um chapéu bastante largo, conjunto que lhe dava o ar dum «cow-boy» da Universal em gôsto de licença.

Henrique Galvão, que me falara muito d'ele durante a Exposição Colonial do Porto, quando acalentámos juntos o projecto de ir realizar nos próprios locais «O Velo de Oiro», apresentou-me logo.

E conversámos pela primeira vez. A sua voz, ao mesmo tempo surda e metálica, com um timbre que se distingue à légua, impressionou-me. Expressava-se como um «gentleman». Um «gentleman» rude, é

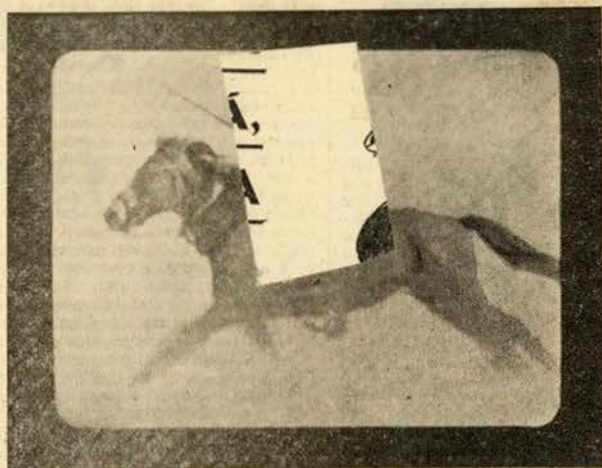
certo, mas um «gentleman». Em todo o caso, o «segredo» da sua voz só se me revelou quando a ouvi, estentóricamente, pontuada de grandes gargalhadas características e de imprecações em inglês («My God!» é a sua exclamação predilecta), troar nas chanas da lueva e nas mulagens do Capelongo.

Teodósio Cabral, tão desembaraçado no mato, torna-se imprevisivelmente tímido sempre que entra — e logo que entra — numa cidade qualquer. Vi-o em Lisboa, no Lobito, em Loanda e em Lourenço Marques tão contrariado, tão visivelmente saudosos das noites largas e dos horizontes vastos do interior, que quasi metia dô...

Ele próprio me confessava, não por pedantismo, mas com um tom quasi infantil que não enganaria o mais desconfiado.

Teodósio Cabral tinha um «papel» em «Feitiço do Império». Um papel em toda a extensão da palavra, com cenas e contra-cenas, diálogos e tudo. Pois não houve maneira de o convencer a representá-lo. E ninguém imagine que Teodósio o recusou por incapacidade: tem muito, mesmo muito jeito. Mas não quis. E quando Teodósio não quer é um caso sério!...

Devo à amizade que nos ligou du-



E' assim que nos surge no «écran» Teodósio Cabral, na sua primeira interpretação para o Cinema: «Feitiço do Império». A sua elegância máscula de cavaleiro permitiriam fazer com êle maravilhosos filmes de aventuras

rante meses, em África, compartilhando as mesmas emoções e as mesmas penas, o ter concedido em figurar fugidamente nas cenas em que o vemos.

Mas o espectador menos provido de faculdades de observação reparará que, entre aquele cavaleiro português que corre à galopada atrás da caça, de espingarda na mão, e os cavaleiros tradicionais das fitas do Oeste americano não há qualquer diferença. As imagens em que o vemos a cavalo poderiam intercalar-se sem desdolo em qualquer «western», mesmo na mais cuidada.

A maneira como êle para o cavalo de chofre, e desmonta, e mete a arma à cara, e dispara, e torna a montar, fariam saltar eurralsos de entusiasmo no «erdeo» mais selecto. E quando o vemos aproximar-se, de espingarda ao ombro, seguro pelo cano, à maneira dos boers, da peça abatida por Luis de Campos, há naquele gesto com que chama os pretos que vão esfolar o bicho uma tal autoridade, uma tal segurança que, quando o vimos

no «écran», ideamos logo toda uma série de filmes de aventuras de que Teodósio seria o protagonista. E palpita-nos que êle não tardaria em destronar, na preferência do nosso público, pelo menos, o simpático Gene Autrey, que foi eleito no cinema Batalha, do Porto, por um público verdadeiramente «especializado» no género, Rei dos Cow-Boys da Actualidade.

Teodósio Cabral poderia ser, se quizesse, um Tom Mix português. Por mim, ainda não desisti de realizar com êle, em África, um filme que intitularia «Dois Homens numa carrinha», e em que Teodósio poderia demonstrar todas as suas autênticas possibilidades cinematográficas.

Se alguma vez êste artigo lhe chegar às mãos, que Teodósio se convença de que tudo o que tive ensejo de dizer-lhe não era fantasia nem lisonja. E, entre d'os êlefantes abatidos, pode recordar as nossas brigas e — passe lá a imôdéstia — as nossas glórias...

A. L. R.

## Uma carta de AFONSO LOPES VIEIRA a propósito de «Feitiço do Império»

Quando se estreou no Eden «Feitiço do Império», Afonso Lopes Vieira escreveu a António Lopes Ribeiro a carta que a seguir se publica, com a devida vénia:

*Prezado e caro camarada*

Com o «Feitiço do Império» vejo pela primeira vez o cinema nacional sair de Loures e de outros arrabaldes nacionais para se alargar através do nosso mundo, o mesmo é dizer que vejo realizada em parte a minha velha aspiração (demonstrada numa remota entrevista do «Cinefilo») de transportar as câmaras pelas nossas províncias de Alê-Mar.

A propósito: — lastimo que a vil palavra colônias ait fosse empregada, contra o próprio espirito da obra. No seu filme começou pois a viver o Portugal de Camões, o espirito da «piquena casa lusitana», criador, no orbe, de novos lares portugueses. Foi com respeito a êsse Portugal que eu publiquei em 1922: «O primeiro português que chamou a Portugal país piqueno foi um perro traidor!»

Ora, a glória do seu trabalho é essa, e realizou-o sem retórica, sem lisonjas, com dignidade de artista. Por tudo isso o felicito sinceramente. E peço-lhe me creia sempre, com grata simpatia, seu

*Camarada e admirador*

Afonso Lopes Vieira

## “FEITIÇO do IMPERIO”

é um exclusivo da

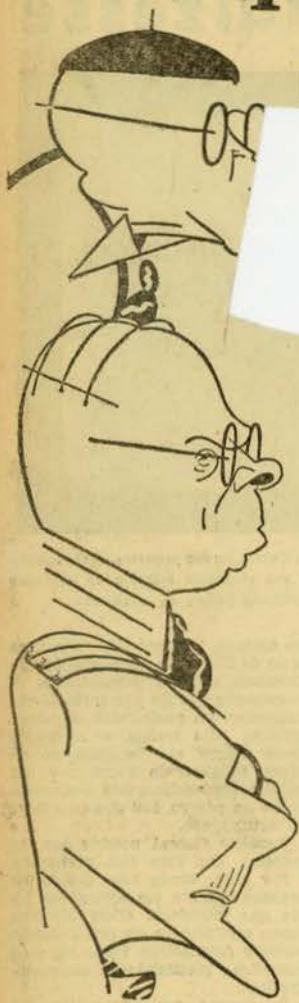
# SPAC

que o distribui para  
TODO O MUNDO

Avanida da Liberdade, 245, r/c — Tel. 43166



# A réplica dos HOMENS ao inquérito de "MULHERES"



GAGO COUTINHO, JOAQUIM MANSO, AFONSO LOPES VIEIRA

Não foi uma partida que o «Animatógrafo» quiz pregar às escuras e artistas que tiveram a gentileza de responder ao inquérito, a propósito do filme «Mulheres» estreado no Eden. Logo os homens a seguir pagaram-nos antes de elementar justiça jornalística. (Dizemos justiça e imparcialidade, porque detestamos a norma, a insípida, a gelatinosa imparcialidade!) Por isso anunciamos no último número essa réplica imprevista aos depoimentos feitos pelas representantes do sexo em causa, tão mal tratado na peça de Clare Booth, de que o filme de Georges Cukor é a fidelíssima transposição cinematográfica.

E surge este resultado surpreendente: os homens foram mais generosos que as mulheres neste processo em que elas eram réis!

Não o fizeram por cavalheirismo, como de tom das respostas, facilmente se conclui, mas sim por convicta e fundamentada razão.

Daí resulta o não termos de que nos arrependemos do aproveitamento da pergunta e da iniciativa. «Animatógrafo» orgulha-se de ter trazido para as suas páginas uma discussão de tão alto nível, e de tão brilhantes resultados. Supõe que um problema destes deveria interessar a público ainda mais vasto que o que dispõe. Assim o entendeu o «Diário de Lisboa», a quem agradecemos a gentil citação do nosso jornal, trazida para a primeira página do seu diário.

Agradecemos a todos os escritores e artistas que tão prontamente acederam ao nosso convite e que tão claramente disseram o que pensavam. E parece-nos que as mulheres em geral, e as nossas leitoras em especial, também têm muito que lhes agradecer...

## O ALMIRANTE GAGO COUTINHO DIZ-NOS QUE AS MULHERES NÃO SÃO «BONECAS DE CARNE»!

O Almirante Gago Coutinho é um «cinéfilo» em toda a nobre acepção da palavra. tão cinéfilo que estamos certos que não tardará em inscrever-se no «Clube do Animatógrafo»... Imaginem que, na última segunda-feira, durante a sua brilhantíssima comunicação ao Congresso Luso-Brasileiro de História, tinha um número do «Animatógrafo» em cima da mesa, ao lado das cartas marítimas e geográficas de que se servia!... Além dessa honra que nos desvanece, honrou-nos ainda com a resposta que transcrevemos na íntegra, para não atentar em nada da sua maravilhosa lucidez:

— *Sobre as mulheres americanas eu nada posso, sequer, conjecturar: como turista, só conheço da América hotéis, transportes, cafeterias e cinemas, além de Broadway, Santa Monica, O Canyon, Santa Fé, Coney Island, Riverside, etc. A 5.ª Avenida conheço mal.*

*Da intimidade nada conheço. Só sei que, nos Estados Unidos, os divórcios são mais vulgares que na Europa: será por causa das Mulheres? Será pelos Homens?*

*Não foi por o acreditar geometricamente que o filme «Mulheres» me interessou, e tanto que, tendo-o visto no Rio, ainda o fui ver passar no Eden. Bem sei que o cinema nente como uma actriz, para se tornar interessante; porém, haja ou não daquelas Mulheres, a verdade é que, vistas de fora, são elas as que mais nos agradam e que atraem mais gente à bilheteira. E o cinema mpreco ganhar dinheiro para nos pôder continuar a apresentar os formidáveis espectáculos*

*que lá temos admirado, e que o velho teatro, ou mesmo o circo, nunca nos deram nem darão.*

*Certo, pelo que conheço de cinema, verifico que ele até falsifica os aspectos que fotografa: Vi em Hollywood ensaiar uma artista de categoria — não era a Garbo, que essa tem o pudor de não ensaiar diante de visitantes. Ela estava preparada e pintada para a fotografia; pois depois, quando cá fora vi passar o mesmo filme, colorido, tive uma impressão da sua beleza brilhante, que não notara no estúdio. Lembro-me também que jalei a dois artistas que, em um filme do Old San Francisco, tinham papéis de vilão; pois cá fora, ele e ela eram ambos bastante simpáticos.*

*Donde conclui que aquilo que vemos projectado na tela difere profundamente da realidade americana. O seu faldado glamour é artificial. Ah! Já era assim a ilusão do teatro: ainda me recordo, com saudade, das ingénuas que Rosa Damasceno fazia aos 60 anos.*

*Há quem esqueça que as Mulheres não são bonecas de carne: são criaturas que pensam e vivem como os Homens. Sómente a sociedade separa os sexos, de modo que, ao passo que os homens podem viver do braço, a mulher precisa ajudar-se com a palavra. Foi talvez isto que o cinema considerou, copiando, ou criando, para seu uso, Mulheres particularmente fúteis e maliciosas.*

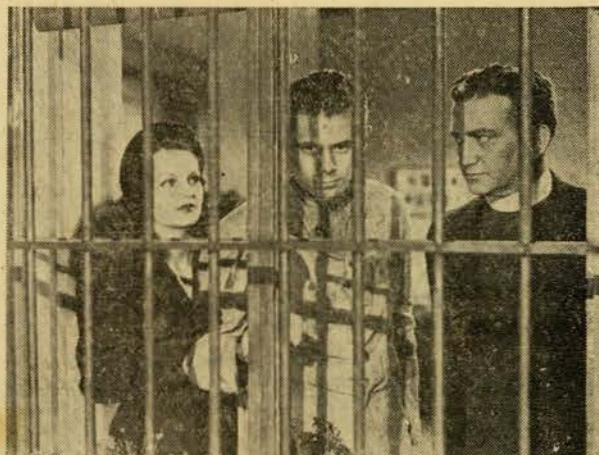
*Enfim, é certo que seria desagradável ter de viver com algumas das mulheres pintadas do filme, como a Crawford ou a Rosalind. E, apesar-da minha falta de experiência, não creio que as americanas sejam cem por cento assim!*

*De resto, o filme «Mulheres» não é um documentário sobre a Socie-*

## AS PRÓXIMAS ESTREIAS DA «ALIANÇA-FILMES» DO PORTO



Não tarda que possamos ver o filme «Mais forte que a Lei» com o tenor Tony Martin, uma das mais cotadas atracções da Broadway, e de Hollywood, que contracena com Rita Hayworth



E também não tardará que seja estreada no Politeama a produção Columbia «Homens sem Coração» (Men without Souls), com Bert Lytell, decerto um novo êxito a acrescentar ao activo da Aliança-Filmes



# GAGO COUTINHO, JOAQUIM MANSO, AFONSO LOPES VIEIRA, RAMADA CURTO, AQUILINO RIBEIRO, FERREIRA DE CASTRO, PEDRO DE MOURA E SÁ, ALMADA E VASCO SANT'ANA

dizem-nos se «As mulheres são, realmente, assim?»

dade ocidental. Mas não devemos esquecer que o cinema vive de mentiras inéditas, românticas, absurdas, e não da verdade, que é banal.

Eis o que é mais fácil inventar com Mulheres que com Homens. Não é, pois, daquilo que vemos nas telas que podemos deduzir qualquer conceito a respeito da Realidade da Mulher.

«Animatógrafo» supõe impossível exprimir melhor coisas mais certas. Obrigado, sr. Almirante!

## O DR. JOAQUIM MANSO DIZ QUE FAZ ALI FALTA A MULHER MAIS NECESSÁRIA AS OUTRAS...

Procurámos o ilustre director do «Diário de Lisboa» com a certeza de que ele já vira o filme do Eden. O Dr. Joaquim Manso não perde um bom espectáculo de cinema pois se interessa por ele como arte e como função social importantíssima. A sua opinião nesta demanda era imprescindível.

— «Mulheres» é um espectáculo artificial, pela preocupação de apresentar exclusivamente as mulheres. Os homens fazem ali imensa falta. É como um excelente rato em que se não deitou sal... Aliás, as mulheres, no filme como na realidade passam a vida a discutir os homens — porque não vivem para outra coisa. Não pode, em boa verdade, haver filmes — nem peças, nem romances — só de mulheres ou só de homens. É contra a natureza. Homem e Mulher tão complementares são um do outro que, no próprio Génesis, não tardam dois versículos a juntar-se...

— Há, no entanto, filmes notáveis só com homens: «A Paizinha da Alvorada», por exemplo, ou «A Oeste nada de novo...»

— Lembra-se de que a Guerra é uma palavra feminina. A guerra — é mulher...

— O nome do filme é bastante ambicioso...

— Entendo que é mais feliz o título português, «Mulheres», que o nome original americano: «As Mulheres». Assim, sempre fica lugar para as outras...

— Acha então que nem todas as mulheres são assim?

— Claro que não. Aquelas são as mulheres dos hotéis, das praias, das modistas caras e dos institutos de beleza em que a beleza é, não um produto natural, uma graça dos deuses, mas um produto químico. Faz ali falta, entre todas, a mulher mais necessária às outras: a educadora, a mulher que julga as mais sem dizer uma palavra; aque-

la que as bonecas fúteis e insensíveis que nos aparecem no filme mais recciam, por temerem um confronto em que ficam bem pior colocadas que na fita...

## AFONSO LOPES VIEIRA INDIGNA-SE CONTRA A FEROCIDADE DA CARICATURA

As expressivas e saborosas palavras que Afonso Lopes Vieira ditou ao «Animatógrafo» traduzem perfeitamente o espírito desassombrado, a personalidade dum português — de antes quebrar que torcer:

— O que vi nesse filme foi a proclamação que a América faz da grande lástima da sua civilização dolariana. Nunca ninguém ousou rebatizar a mulher com tanta ferocidade caricatural! O sorriso de Norma não basta para salvar o sexo. Graças a Deus esta obra tem para nós um ar exótico.

E como faz bem pensar à saída que há em Portugal tantas mulheres analfabetas e que têm medo dos maridos!...

## RAMADA CURTO AFIRMA QUE AQUELE GÉNERO DE MULHERES VAI ACABAR

O depoimento de Ramada Curto é tão pessoal, que quasi não valeria a pena indicar a autoria. O seu amor simultâneo pelo teatro e pelo cinema faz lembrar Sacha Guitry, mas a ironia de Ramada é mais profunda.

Junto à sua mesa de trabalho, talvez em estudo: a Gioconda com o seu sorriso.

— O Cinema, com as suas possibilidades únicas pode permitir-se todos os assuntos, desde a microscopia de bacilos em caldo de cultura, até a exibição de muitas mulheres que não tem nada que fazer, não criam filhos, não amam.

## A GALERIA DO «ANIMATÓGRAFO»

Este número inclui dois Retratos-Brinde que não podem ser vendidos separadamente, e que todos devem exigir aos vendedores deste jornal.

não pensam, não sofrem e só sabem desperdiçar milhões em vestidos e requintes, mentir, intrigar, exhibir-se, divorciar e casar. Como meio, aquele em que decorre o filme é dos mais curiosos que eu tenho visto projectado na tela. E dentro de alguns anos terá um excepcional valor de documento histórico. Sim, por que eu estou convencido que aquilo vai acabar, depois da guerra e em nome da higiene e selecito-me.

O contraste entre as fêmeas luzuosas do filme e as duas únicas mulheres que nele aparecem encarnadas em Norma Shearer e Paulette Goddard resulta intensamente comunicável ao espectador. É curioso notar que neste filme, como em outros que aparecem de valor, se mostra que o Cinema, para ter classe artística, entra resolutamente pelo Teatro, pela literatura. Porque aquilo é Teatro. E Teatro pelo diálogo expressivo e sintético. É Teatro pela sucessão das cenas pela amarração, como se diz em linguagem técnica. E sendo bom Teatro, é realizado por portentosos artistas. Essa Norma Shearer não representa, vive na tela. Com actores daqueles até eu, como dramaturgo, tinha talento. A tiragem a escolha que é preciso fazer entre milhares e milhares de mulheres, para obter uma actriz daquelas — pela formosura, pela irradiação de simpatia, pelo talento humano e perferido!

É por isso que eu penso que as grandes possibilidades quer no Cinema, quer no Teatro, quer no romance, estão reservadas aos grandes aglomerados humanos onde se podem escolher à vontade, assuntos e intérpretes.

Nós, se não fizermos filmes de projecção colonial, com as curiosidades e excitações do Império, podemos fazer, por exemplo, a «Aldeia da Roupa Branca», que não era mauzinho e tinha a Beatriz Costa a brincar às saltos...

Dai eu ter uma grande esperança no censo da população... Quando mais aumentar a população mais aumentam as possibilidades.

Mas não é disto que se trata. Isto é uma outra conversa. Ontem, o que me sucedeu foi vir de lá encantado. Que travalhes de autêntica beleza, que grandes planos que despertam uma profunda emoção, que momentos de gosto, de arte, de encanto — ouso dizer — literário e intelectual.

Decididamente quando uma arte, como pensava o velho Renau, que (Continuação da página central) disto tudo, é caso para pensar, como pensava o velho Renau, que

(Continua na página 12)



RAMADA CURTO, AQUILINO RIBEIRO, ALMADA NEGREIROS, FERREIRA DE CASTRO, PEDRO DE MOURA E SÁ E VASCO SANTANA

vistos por Teixeira Cabral



# Não era justo — que só as mulheres falassem!

(Continuação da página central)

a literatura do livro tende a desparecer...

É claro que isto também é uma outra história.

## AQUILINO RIBEIRO NÃO VIU O FILME. MAS JULGA-O COMO SE O TIVESSE VISTO

Não podíamos dispensar o depoimento do romancista português que mais se tem ocupado da mulher nos seus livros. O criador de «Maria Benigna» não tinha visto o filme!... Decepção? Com Aquilino não há decepções.

— Ainda não vi o filme, é facto. Não por falta de interesse, mas por motivos puramente acidentais. Dizem-me que é um libelo terrível contra as mulheres. Há quem se indigna... Há quem considere justa a sátira... Ora a verdade é que há mil aspectos para julgar as mulheres, e que é indispensável escolher um. Isso é que conta, na criação dum autor, mais que a opinião ou o procedimento que possa ter na prática. E no entanto, para as mulheres, a «prática» é bastante mais importante, na suas relações conjugal.

Veja, por exemplo, Schopenhauer, um homem que disse o pior que há das mulheres — e que foi, na realidade, um pai de família, um marido exemplar...

Em arte, tudo é teoria. As mulheres não têm de que se ofender...

— E parece-lhe que discordaria do filme?

— Discordar ou concordar, porque? Sobre as mulheres tudo se pode dizer, conforme o «ângulo» em que o observador se coloca.

— Posso então escrever no jornal tudo o que disse, mesmo sem ver «Mulheres»?

— Diga, sobre tudo, que elas são adoráveis!... Adoráveis!...

## MOURA E SÁ ENTENDE QUE AQUELES «MODELOS» SERVEM A «TIPOS» MUITO DIVERSOS

Pedro de Moura e Sá, presidente da Direcção do Sindicato Nacional da Crítica, crítico seguríssimo, valor do melhor timbre, deu-nos uma resposta categórica:

— Antes de mais nada quero dizer-lhe que me parece impossível não reconhecer que o cinema, sobretudo o cinema americano, atingiu uma perfeição artística que ninguém, esteja em que plano estiver, pode ignorar. Completo que se diga que existem artes mais puras, mais directas, mais desprovidas de sentido espectacular do que o cinema, mas a verdade é que, dentro das larguíssimas possibilidades do cinema como forma de expressão artística, se atingiu um máximo de perfeição.

— Que lhe pareceu a análise feita na comédia da Metro?

— É preciso que a gente se entenda. «Mulheres» não é uma comédia de análise psicológica e talvez mesmo o cinema seja incompatível com a análise psicológica. O cinema, como o teatro, é uma arte de síntese, isto é, as personagens representam um determinado tipo, reunindo os traços psicológicos característicos de determinada maneira de ser. Pergunta-se: as mulheres são assim? Mas o filme não quer dar senão uma série de qua-

lidades e defeitos femininos materializados em certo número de personagens. Cada uma delas, como uma deusa da mitologia, representa ou a frivolidade, ou a ternura, ou a bondade. E, coisa curiosa, quando se criam personagens, digamos, sintéticas, verifica-se que as coisas fundamentais são eternas, na alma humana. «Mulheres» podia ser uma peça romântica, ou um drama de 1900, ou um filme de hoje. Pense um pouco e verá como a transposição seria fácil. Mesmo o problema do divórcio, que dá maior actualidade ao filme, não é essencial na acção. Ao contrário do que pensam muitas pessoas que viram o filme, o que mais me impressionou foi a intemporalidade dos caracteres que nele desfilam.

## FERREIRA DE CASTRO NÃO ENCONTROU EM «MULHERES» NENHUMA MULHER PRESENTE...

Ferreira de Castro, que tem mais um seu livro — «Tempestades» — nas montras pouco buliçosas das nossas livrarias, está ancorado (por quanto tempo?) no porto de abrigo que é esta encantadora Lisboa.

Em Paris esteve prestes a ver a peça teatral extraída do romance de Clare Booth, da que já se fazia o anúncio, e não a quis ver em Oslo porque era falada em norueguês...

Conheceu agora o filme, e «Animatógrafo» ouviu com muito interesse Ferreira de Castro:

— Estou convencido que não houve preocupações de ordem psicológica ao apresentar aquelas mulheres. Quis-se apenas, suponho, fazer uma farsa para divertir o grande público, uma farsa baixa, diga-se de passagem.

— As mulheres não são...

— É de admitir que haja mulheres assim: a diversidade de gente que há por esse mundo fora... Mas as mulheres dum forma geral e anormal, mesmo que as queiram dar em caricatura a traço grosso, não se mostram assim.

E, já a terminar, Ferreira de Castro marca perfeitamente a sua convicção, recomendando ao «Animatógrafo»:

— Não escrevam nada que possa parecer, de longe ou de perto, que na presença daquelas mulheres eu tivesse sentido uma mulher presente!

## ALMADA NEGREIROS DIZ QUE A FITA «MULHERES» É MUITO PEQUENINA...

Almada, Bandeirante da Arte, ex-futurista que, tornado presente o futuro, assentou com grande firmeza uma posição indiscutível no nosso meio artístico, recebeu-nos com uma frase, daquelas que ele sabe tornear muito a seu modo:

— Se as mulheres fossem capazes de tão pouca perversidade e de tão pouca altura como no-las mostram no filme «Mulheres» — a História do Mundo teria sido outra.

— «Si le nez de Cléopâtre...»

— Creio que a mulher não pode ser melhor definida que nesta frase de Stendhal: «Il faut que la femme sache qu'elle ne peut rien faire mais qu'elle peut tout faire faire». Nesta frase magnífica de Stendhal cabe toda a mulher, desde o maior excesso de perversidade até ao máximo da santidade. Maria Madalena — a figura de mulher mais

bela do Cristianismo — vai dum ponta à outra. Ora, em relação a esse vasto panorama que a mulher nos oferece, a fita «Mulheres» é muito pequenina...

— Insuficiente?...

— Digamos antes: local. O título pode parecer excessivamente ambicioso. A comédia é certamente verdadeira, como todas as boas caricaturas, em relação a certa categoria de mulheres americanas. Mas não creio que a autora da peça ou o realizador da fita pretendessem enfiar a carapuça a todas as outras...

## VASCO SANTANA ACHA QUE AS MULHERES... AINDA SÃO MUITO PIORES!

«Animatógrafo» procurou Vasco Santana durante um ensaio da nova opereta do Apolo, «O Colete Encarnado». Vasco tentava em vão vencer a burra «Sebastianas» (uma burra autêntica), a dizer que não a uma pergunta sua. Metia-lhe feijões nas orelhas, assoprava-lhe os ouvidos. Tudo em vão. Pretexo seguro para a boa disposição infalível no Vasco sempre que surge uma contrariedade...

— A burra não faz pequenos papéis — comentava ao lado Joaquim Pratas.

— Já viste as «Mulheres»?

— Quais?

— As do «Eden».

— Não me fales nisso. Ando julgo.

— Achas o filme injusto?

— Injustíssimo!

— Por ser exagerado, claro?

— Exagerado... aonde?

— ?!

— As mulheres não são assim: são muito piores!

— Cuidado! Todos os representantes do nosso sexo entenderam o contrário.

— E' que não passam dum trafaladores à causa!...

— Mas, ó Vasco, tu...

— Já sei o que vais dizer. Mas olha lá: tu não gostas de whisky?

— Gosto.

— E faz mal, não faz?... Pois até tens.

— Mas deixa-me dizer-te que, no filme, nem tudo é terrível para as mulheres. Algumas, como a que incarna Paulette Goddard, mostram-se sensíveis, sensatas e discretas...

— Quanto a mim, é esse o maior defeito do filme. A parte laudatória que contém — deveria ter sido cortada pela censura!...

«Animatógrafo» não quer fazer comentários à divergência manifestada das opiniões, todas elas interessantíssimas, que registamos fielmente durante dois números. Os leitores e as leitoras que as julguem a seu modo, — elegendo aquela que melhor lhe convier...

E, agradecendo a todos os que se dignaram responder — e nenhuma pessoa por nós procurada se negou, o que nos sensibiliza muitíssimo — damos por concluído o nosso inquérito.

# CARTAS DUM CINÉFILO

Competente director:

Cá lhe escrevo mais uma vez, e agora para lhe dizer que me inscreva como sócio do Club do Animatógrafo. Acho a ideia muito boa e creio estar nas condições, pois em 1929 já tinha três anos de cinéfilo. Sou dos mais antigos e, ao contrário dos outros que os são médicos, ou são engenheiros, ou são advogados, ou são contínuos sendo cinéfilo. Como vê firme nas minhas convicções. Poderia, também, atendendo a isso, ter um lugarzinho na direcção do clube. Tesoureiro, por exemplo. Estou encantado com a ideia do clube. Arranja-se uma boa sede, com salas de jogos e mais tarde, um grupo de futebol só com cineastas. O que não seria interessante ver o sr. Leão de Barros na defesa; o sr. Brum do Canto à ponta-esquerda; o sr. Armando Miranda no segundo «time»... O sr. Adolfo Coelho seria aproveitado para dirigir o arrelógio do campo. E muitas outras ideias tenho eu para o engrandecimento do nosso clube. Aos sábados podem-se fazer uns bailes e criar uma escola nocturna para cinéfilos analfabetos.

Li no seu jornal que vão publicar uma série de artigos dum espanhol sobre cinema nacionalista. Isso para nós não é novidade e o cinema português foi sempre muito nacional e sem possibilidades de se confundir com os filmes internacionais. A gente vê um filme português e percebe de léguas que aquilo é nosso, muito nosso. Pode ser mau, mas é nosso. A interpretação pode ser péssima, mas é nossa... O som pode não prestar, mas é nosso... E tudo assim à proporção. E além disso todos os nossos filmes — metem salões, de várias épocas, mas salões e os salões são nossos, muito nossos. Até o seu filme «Feticção do Império» metia salões. Eram pretos, ou seja salões de África, mas eram nossos.

E agora uma outra ideia, ainda sobre o cinema nacional. Estão em Lisboa o realizador Jean Renoir, o actor Jean Murat e a actriz Josephine Baker. Que grande filme português, que se podia fazer com eles!

Eu não concordo, por tudo isto, com a ideia de se ter feito um filme de carácter internacional chamado «Porto de Abrigos». Ao que me consta a acção passa-se num posto da guarda-fiscal à hora da sesta e metem personagens estrangeiros.

A minha Elisa Carreira faz a «Sónia» e o sr. Patricio Alvares faz um espelho e creio que deve ser bem, porque eu vi-o fazer o «Braz do Feticção do Império» e acho que tinha habilidade.

E por hoje nada mais, cinéfilo às suas ordens

*Ignácio da Paçoificação*

P. S. O meu pai já descobriu tudo e ainda pior que o dr. Selónio Calheiros no «Pão Nosso». Já me disse que se me vê mais alguma carta minha que me bate. E é quando diz uma coisa faz. E' como o sr. Alves da Cunha, que não serve para graças.

I. da P.

As fotografuras e as zincografuras de «Animatógrafo» são feitas na **Fotografatura Nacional** Rua da Rosa, 273 LISBOA



# O que é o novo filme de CAPRA «Mister Smith goes to Washington»

Tive há alguns meses ocasião de rever «Uma noite aconteceu...» A cópia exibida apresentava-se velhinha, cheia de arrugas, etrópegas de todo — mas o filme estava novo em folha, apesar dos seus sete anos de idade.

Frank Capra, é claro, não precisava para nada de mais esta prova real do seu real talento — nem eu dela necessitava para dedicar ao autor do «Não o levarás contigo!» a minha muita estima e consideração. No entanto interessou-me sobremaneira verificar que a obra-prima de Capra resistia vitoriosamente ao rodar do tempo, tanto mais que, pouco antes pudera fazer experiência idêntica com a sua «Loucura Americana» que, apesar de mais antiga ainda, não perdera também as suas grandes qualidades. E' esta, seguramente, a prova mais difícil, a que pode ser sujeito um filme, pois raras são aquelas que, passados anos, se mantêm no nível em que nos aparecem a data das suas estreias. Ora não é apenas um ou outro filme de Capra que vence esta prova — pode dizer-se que é toda a sua obra.

Semelhança preceza ajuda-nos de certo a compreender o segredo do seu êxito e garante-nos que ele se manterá nas suas obras futuras. Em primeiro lugar diz-nos que o aspecto formal da obra de Capra possui aquele equilíbrio e aquelas qualidades de perfeição expressiva e técnica indispensáveis a tudo aquilo que quiser ultrapassar o seu momento — e durar; em segundo lugar, o principalmente, demonstra que o realizador da «Millionária» por um dia sabe, de facto, retratar nos seus filmes a verdade humana — pois é efêmero tudo o que é falso. Quero eu dizer com isto: não há que ter apenas o palpito de que as futuras produções de Capra serão tão boas como as anteriores — ha que ter a certeza, uma certeza que se demonstra por a + b.

Portanto, esta série de raciocínios bastaria para esperarmos com inteira confiança a estreia do *Mr. Smith Goes to Washington*. Mas há ainda outras razões, e magníficas, para tal.

## O sr. Smith, que vai a Washington

Comprei há algumas semanas o número de Setembro da excelente revista inglesa de arte *The Studio*, número esse dedicado à actividade artística dos Estados Unidos. Lá encontrei um artigo do eminente crítico de arte Edward Carrick, no qual se analisavam as mais recentes realizações americanas no domínio do espectáculo. Esse artigo começava assim:

«Já viu «Pinocchio», «Cavalgada Heroica» e *Mr. Smith Goes to Washington*? Se já os viu, viu os três melhores filmes, debaixo dos pontos de vista artístico, social e técnico, feitos na América desde a primeira experiência de Edison com o vitascópio, em 1896...»

Desde o momento em que li estas linhas fiquei completamente elucidado sobre o valor da nova obra de Capra, porque semelhante afirmação, em tom tão perentório, naquelas páginas e subscrita por aquela pena, vale qualquer coisa, isto é, muito mais do que todos os

anúncios, cartazes e outra publicidade do Mundo inteiro. Subiu então em mim a curiosidade de saber quais eram as características do filme, e para a satisfazer procurei documentar-me a tal respeito. Donde resultou ter ficado mortinho por ver a fita.

O sr. Smith — que vai a Washington — é próximo parente daquele sr. Deeds que foi a Nova-York — onde o julgaram doido, de tal maneira que só a muito custo e à força de sagacidade e bom-senso conseguiu convencer o tribunal de que tinha razão... Também o sr. Smith é um rapaz às direitas e cheio de senso comum, apesar de também dispor — abençoadamente! — duma boa dose daquilo a que nós, portugueses, chamamos «carra». Também o sr. Smith, tal como o sr. Deeds, é um idealista convicto, que atribue muito mais importância aos aspectos morais do que aos utilitários. Também o sr. Smith é uma personagem cheia de humanidade e de pitoresco, ou melhor, de «pitoresco humano» — daquele pitoresco profundamente humano que nos fazia alampalzar de maneira irresistível, não só com o sr. Deeds, mas também com o velho optimista tocador de gaita de becos e coleccionador de selos, que Lionel Barrymore tão bem interpretava no «Não o levarás contigo!»

Este parentesco do protagonista do novo filme com os heróis do «Doido com juízo» e do *You can't take it with you* dão-nos logo a garantia de que no *Mr. Smith* encontraremos de novo «a atmosfera reinada e bizarra» que nos deliciara naquelas películas — e portanto de que não teremos de suportar fillosofias sorumbáticas no género das que enevoavam o «Horizonte Perdido», esse unico erro na carreira de Capra. Podemos pois ter como certo que as aventuras do sr. Smith vão divertir-nos em cheio, segundo as melhores tradições do grande realizador. Mas Capra ambiciona sempre mais alguma coisa, além de divertir o seu público.

## Contra os pelotiqueiros da politica

O nosso Director, António Lopes Ribeiro, afirmou um dia a propósito do «Não o levarás contigo»: «Capra é perito naquilo a que chamarei *polémica cinematográfica*, e a que não falta, segundo a receita de Léon Daudet no seu *Breviaire*



Uma cena de «Mister Smith goes to Washington»: James Stewart e Jean Arthur numa agitada sessão de propaganda eleitoral, a moda dos Estados Unidos da América do Norte

du *Journalisme*, o sal do riso e a pimenta da cólera».

Em *Mr. Smith Goes to Washington* Capra faz de novo «polémica cinematográfica». Para o avaliar basta saber que o sr. Smith, chefe dos escoteiros de certa terroela da União Americana, vai a Washington por ter sido eleito senador, graças às malhas-ardes dum político local e dum magnate da imprensa, que esperam dispor dele como de um dócil instrumento, dum «boneco de palha». É fácil imaginar o desenvolvimento da história por este ponto de partida — especialmente se acrescentar que o jovem senador se revolta contra os seus interessados protectores, Capra explora este tema, com a sua habitual desenvoltura, no sentido de uma crítica impiedosa aos políticos e à baixa politica, mostrando de um lado os politiquinhos profissionais — autênticos pelotiqueiros da politica —, as suas «panelinhas», os seus negócios escuros, o seu desdém absoluto por tudo o que não seja os seus interesses, particulares — e do outro uma espécie de segundo Lincoln, um rapaz cheio de nobreza e boas intenções que não compreende a politica senão como um meio de servir abnegada e completamente o Bem Comum.

O episódio capital do filme mostra o combate decisivo travado por

Smith contra os seus inimigos — David contra Goliath — em plena sessão do Congresso dos Estados Unidos! Creio que essa sequência de cenas é o momento culminante da carreira de Frank Capra.

Estão a ver a projecção universal de semelhante tema — que, como viram, só será especificamente americano no aspecto exterior, formal ou «sprossual». Compreende-se por isso que o chefe da redacção do *Pour Vous* escrevesse na sua revista: «Falar-se-á e tornará a falar-se muito de *Mr. Smith Goes to Washington*; não será portanto excessivo vê-lo mais de uma vez. Foi o que eu fiz. Não há o costume de rever os filmes que agradam, e faz-se mal, sobretudo quando se trata de obras como esta, de vastas proporções e complexo sentido».

## James Stewart bate Gary Cooper, aos pontos

Duas palavras ainda sobre os intérpretes. O sr. Smith é James Stewart, esse extraordinário actor que Capra já dirigira em «Não o levarás contigo», e que leve agora a melhor oportunidade da sua bela carreira. O seu «Mr. Smith», segundo a critica estrangeira, é uma magnifica criação que o coloca definitivamente no primeiro plano e que ofusca o Mr. Deeds, de Gary Cooper. Dois outros intérpretes do «Não o levarás contigo» foram outra vez escolhidos por Capra: o excelente Edward Arnold e Jean Arthur, essa rapariga maravilhosamente inteligente e maliciosa graciosidade, Claude Rains, o «Homem Invisível» tem num senador uma vigorosa composição. Outros papeis de relevo aparecem Guy Kibbee, esse grande actor que é Thomas Mitchell — um nome que todos os cinefillos têm obrigação de saber de cor —, e o veterano Harry Carey, o explorador Horn do *Trader Horn*, que representa espantosamente o presidente do Senado.

Não é difícil calcular o que Capra terá tirado de semelhante cast — ele que é talvez o mais formidável director de artistas de todo o cinema!

ANDRÉ MASSIL

## UM PRÉMIO DE 500\$00 A QUEM ENCONTRAR O MELHOR TÍTULO PARA «MISTER SMITH GOES TO WASHINGTON»

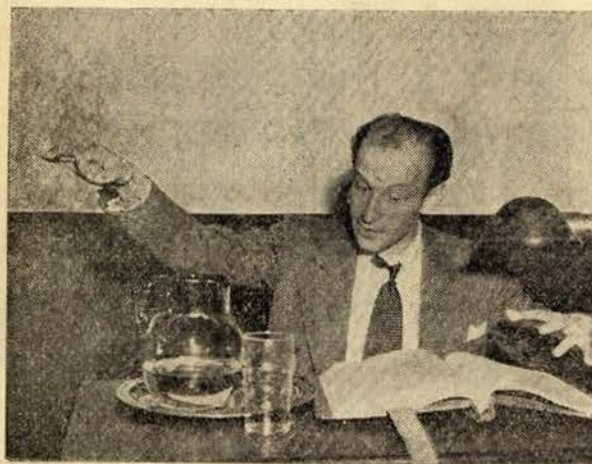
«Animatógrafo», de acordo com a Aliança-Filmes, abre um concurso para a escolha do melhor título português para o novo filme de Frank Capra. A tradução literal é esta: «O SENHOR SMITH VAI PARA WASHINGTON». E vai para Washington fazer o quê? Tomar assento no Senado, para onde o elegeram os seus conterrâneos. A leitura deste artigo de ANDRÉ MASSIL esclarece suficientemente o argumento para que os nossos leitores mais engenhosos possam concorrer.

CONCORRA QUEM TIVER IMAGINAÇÃO!



# Quem é GARSON KANIN

## o mais jovem realizador do mundo



GARSON KANIN lê uma planificação, com gestos expressivos...

Isto de comparar a Música com Cinema é já coisa velha, dada a rapidez com que tudo corre quando diz respeito à arte das imagens. Os tratadistas encararam o problema do paralelo sob múltiplos aspectos e cavaram as últimas conclusões, provaram que a essência das duas artes era o «tempo», que ambas viviam do «ritmo» e dos «desenvolvimentos temáticos», falaram de «harmonias», de «contrapontos» e de muitas dezenas de coisas mais. Sempre que um autor pretendeu bordar considerações «cinemomusicais» encontrou pano para mangas, «pano», até, para livros completos.

### Um rapaz que se faz careca!

Até que se chegou ao momento de pensar se se descobria mais alguma íntima relação entre o papel pautado e a planificação, entre a batuta e o megafone, entre o violino e a máquina de filmar ou a tesoura da montagem. E parecia que não!

Mas há anos, poucos anos, apareceu em Hollywood um rapaz aí pelos vinte e uma bela cabeleira. Três anos depois este jovem realizava o seu primeiro filme e hoje dois anos decorridos é considerado um «barra» do cinema. Chama-se Garson Kanin, conta agora vinte e cinco anos, perdeu, neste tempo muito cabelo, motivo por que está quasi careca e forneceu-me esta oportunidade para dizer que o cinema conta mais uma relação possível com a música. É que quando Garson apareceu em Hollywood tocava «trompettes» numa orquestra.

### Há sempre uma razão para escolher...

Evidentemente, passam por Hollywood muitas orquestras de «jazz» como aquela em que tocava Garson Kanin. E' «etapes» imprescindível do programa de qualquer orquestra americana que se preze. Dá-se também o facto, que nada tem de anormal, de todas estas orquestras contarem entre as suas figuras mais do que um «trompettes». Ora dentre tanta «trompettes» por que seria que a fantasia de Hol-

lywood só uma escolheu e quiz para realizador?

O Garson Kanin responderia a esta pergunta melhor do que ninguém. Todavia, parece-me que calculo as razões. Não foi a tocar «trompettes» que ele aprendeu cinema. Aquilo andava dentro do rapaz na «massa do sangue», melhor, na «massa dos olhos e dos ouvidos», como acontece com tantos outros. Aposto que nos intervalos dos ensaios da «banda» o nosso amigo Kanin não saía do cinema senão para ler qualquer livro da matéria. E a orquestra nem devia ser para ele mais do que o meio «maquiavélico» de se apresentar na terra da Promissão cinematográfica.

Assim que se lá apanhou Garson Kanin andou numa roda viva ora gastando o sopro na interpretação mais ou menos «hot» dos trechos de «jazz», ora consumindo o fôlgo a correr dum para o outro lado, à busca dum emprêgo nos estúdios.

Nisso, possivelmente, começou a gastar o cabelo... mas valeu a pena — quando a orquestra partiu na continuação da «tournée», Garson foi despedir-se dos seus antigos companheiros. Na orquestra, havia vaga — uma das suas «trompettes» ficava empregada no «script department» dum estúdio de Hollywood. E isto foi um facto mais maravilhoso do que parece. Porque um «trompettes» que estava desempregado arranhou emprêgo. Garson encontrou a sua verdadeira vocação, os cinéfilos de todo o mundo puderam gozar os filmes que ele dirige e eu posso escrever este artigo — o que não aconteceria se as coisas tivessem corrido de outra maneira.

### O momento em que se não pode falhar

Garson Kanin, quando foi admitido para o seu primeiro emprêgo nos estúdios não se lembrou de certas consequências. Tinha pela certa, mais em que pensar.

Antes de mais nada — pensou que dava o primeiro passo. E de-

pois, talvez, que se quisesse subir mais degraus tinha que abrir bem os olhos para «ver» como eram. Durante três anos, aprendeu quanto foi possível.

Até que, um dia, os produtores americanos que têm a curiosidade de não andarem a dormir chamaram o sr. Garson Kanin — empregado dos estúdios, rapazola com vinte e três anos e disseram-lhe, segundo calculo, mais ou menos o seguinte:

— Olça lá, meu rapaz! Desde há tempos verificamos que você não é péco nenhum. Ora o que nós precisamos é disso; queremos fazer de si um homenzinho capaz de realizar umas fitas «caitãs». De forma que tome lá este argumento-sito e realize.

Se não foi neste estilo de História Alegre de Portugal, foi noutro parecido. O certo é que a fita a fazer, com pequenissimo custo e sem grandes possibilidades parecia uma história que o argumentista se tinha apostado em fazer o mais banal possível.

Garson pegou naquilo, lembrou-se dos «velhos» tempos da «trompettes», e criou um «screen-play» cheio de «hots». Quero eu dizer na minha; escreveu uma planificação cheia de originalidade. Depois no estúdio não se mostrou menos seguro a dirigir Edward Ellis, Ann Shirley e outros. Como resultado a sua «Herança duma Vida» («Man to Remember») saiu uma fita que conseguiu este resultado frequentemente julgado milagroso — teve um bom rendimento e revelou in-

contestável categoria cinegráfica.

Kanin não falhara o supremo momento, que os produtores lhe haviam oferecido.

### Prova dos... quatro!

Durante estes dois anos que decorreram, Kanin confirmou, comprovou este seu primeiro ensaio com uma grande prova de quatro — quatro filmes feitos depois disso, todos com êxito de bilheteira e real interesse técnico e artístico.

Quando lhe deram «Plebiscitos» («The Great Man Votes») seu segundo filme os produtores — com certa razão — ainda não estavam de todo seguros das suas capacidades. Mas Garson, desta vez a dirigir John Barrymore — tornou a sair-se e, daí para a frente, tem sido o «menino bonito» da R. K. O. e começa a ser um dos realizadores preferidos do público que não esqueceu «Mãezinha à Força» (com Ginger Rogers e David Niven), seu terceiro filme, que não se esquecerá tão cedo de «Minha Mulher Favorita» (com Irene Dunne e Cary Grant) quarto filme e vai receber com êxito clamoroso o último da prova dos quatro «They knew what they wanted», obra que é uma digna coroação de todo o trabalho que até aqui apresentou e um êxito de Carole Lombard e Charles Laughton seus principais intérpretes.

O que pode fazer um «trompettes», mesmo se não tiver getto nenhum para a música, quando possuir o génio cinematográfico!

P. G.



GARSON KANIN dirige CHARLES LAUGHTON, nos estúdios da R. K. O.



## A FEIRA DAS FITAS

## «GARRAS DE FERRO»

(Frisco Kid)

A primeira vez que vimos James Cagney (em «Footlights Parade», que vimos em Portugal tarde e a mais horas, e ainda por cima assassinados por cortes atirabilizantes) logo nos impressionou a sua extraordinária personalidade, diferente da de todos os restantes astros de Hollywood. Cagney incarna a perfeição aquilo a que os franceses chamam eles enfim de *la bête*, expressão de que nós encontramos (perdoem-nos os filólogos) precisa tradução, com a rapidez exigida pela rotativa do Animatógrafo. Mariolão simpático, tem um olhar directo e penetrante, um andar miúdo e bailarim, uns gestos secos que lhe dão uma presença inconfundível em que há resabos de vulgaridade e atitudes de fidalgo marialva.

Aqui, no «Frisco Kids», encontrou mais uma daquelas personagens que lhe assentam como uma luva, pela insolência raiosa, pela nitidez desarmante dos reflexos. Aparece-nos com uma cabeça só a Saint-Justo que lhe eleva a sua pequenissima estatura, e nos provoca o desejo de o ver representar uma figura da Revolução Francesa.

Filme de violência e de pitoresco, «Garra de Ferro» transporta-nos à temível Barbary Coast, o bairro de São Francisco onde, no último quartel do século XIX, se acumulavam todos os vícios e todas as torpezas. Lloyd Bacon, mestre-realizador, dá-nos excelentemente a atmosfera do bairro ignóbil, usando de processos novos, sem apelar excessivamente os efeitos realistas. Há, por exemplo, um feliz aproveitamento dos sons de piano mecânico e de chapinhar de água, que ficam a matar em certas cenas, e que são mais eloquentes e evocativas que muita traça visual complicada.

A fita vê-se assim com muito agrado e interesse, embora se tenha recorrido a um *trajé* feliz, que vem às prestações, e recorrendo a um cordelinho teatral que já deu o que tinha a dar: o heroísmo salvo à última hora pela srapariza. Mas como isso nos proporciona mais uma excelente cena de Margaret Lindsay (que se mostra em todo o filme duma sensibilidade e duma inteligência dignas do nosso Quadro de Honra), não é pecha para descoroçar.

Uma outra cena notável: a cena de amor, em que Bat se declara, e em que há os belos mais naturais, menos cinematográficos que temos visto dar.

Ricardo Cortez, que se vê sempre com agrado desde que desistiu de rivalizar com Valentino, Lily Damita, numa figura secundária e todos os mais, completam com felicidade um conjunto notável. — A. L. R.

## «MINHA MULHER FAVORITA»

(My Favorite Wife)

Como é sabido, esta comédia da R. K. O. baseia-se num tema idêntico ao da «Bigamias», da Columbia, recentemente exibida em Lisboa; idêntico, mas no sentido contrário, pois são as aventuras picarescas de um marido que se vê legalmente casado com duas mulheres, que este filme descreve o mais rischamente possível. Não me interessa saber se «Bigamias» é anterior ou posterior a «Minha mulher favorita», porque não se trata de forma alguma de plágio, ou sequer de coisa parecida. Não há uma única cena que se pareça ou faça lembrar qualquer outra da «Bigamias» — e isto apesar de muitas situações, como não podia deixar de ser, serem géneas de outras daquele filme. E que os processos humorísticos em que foram tratados os dois temas são completamente diversos; tanto assim que «Minha mulher favorita» lembra muito menos «Bigamias» do que «Com a Verdade me

## QUADRO DE HONRA

## «GARRA DE FERRO» (Filmes Alcântara)

— A interpretação de JAMES CAGNEY (Bat Morgan), pelo seu à-vontade viril.

— A interpretação de MARGARET LINDSAY (Miss Barrett), pela sua inteligência e emotividade.

— A «atmosfera» conseguida pelo realizador LLOYD BACON.

## «MINHA MULHER FAVORITA» (Rádio-Filmes)

— A interpretação de IRENE DUNNE (Ellen).

— Os bons momentos da direcção de GARSON KANIN, nomeadamente os diálogos com o Juiz (desempenhado por GRANVILLE BATES) e a cena de Ellen com os filhos.

— A originalidade do acompanhamento musical de ROY WEBB.

## «NINOTCHKA» (M. G. M.), por ter atingido, no São Luiz, de Lisboa, a sua 4.ª SEMANA de exibição.

«O LEÃO DOS MARES» (Sonoro Filme)

— Os bons momentos de documentário da marcha dum comboio de navios e a sua sábia intercalação.

— A reaparição de CLIVE BROOK, que não perdeu nenhuma das suas qualidades.

## «OUVERTURE» DE ROSAMUNDE (Sonoro Filme)

— Complemento musical pela Orquestra Sinfónica de Filadélfia pela qualidade da execução, do som e da imagem.

## «PASSOU UMA MULHER» (Lisboa Filme)

— A realização de JEAN GREMILLON, pelo seu recorte clássico.

— O desempenho de JEAN CABIN e do conjunto de intérpretes.

— O mixto de realidade e romantismo das cenas finais.

## «PIEDOSA MENTIRA» (Sonoro Filme)

— O talento não desmentido de EDWIGE FENILLÈRE e a naturalidade de GEORGES RIGAUD.

— Certos momentos da fotografia, como, por exemplo, nevoeiro nas cenas finais.

## «QUE NOITE DE NÚPCIAS AQUELA» (Filmes Alcântara)

— A interpretação de CHARLES RUGGLES, pelo seu cômico discreto, mas infalível.

— O aproveitamento do som nos «gags» da bofetada dupla e da K. O. do atleta «Doc» com uma cabeçada dada por engano.

enganas (*The awful truth*), essa admirável comédia de Leo McCarey, que foi o produtor da película de que me estou ocupando: Os respectivos episódios finais, em particular, têm evidentes pontos de contacto — e equivalem-se também em qualidade.

Muitos momentos do filme são extraordinariamente felizes, como concepção, desenvolvimento e realização. Outros não parecem tão cuidados, mas isso em nada prejudica as condições espectaculares da película, que são enormes: o público ri a perder, com gosto e frequentemente.

Garson Kanin confirma sem dúvida, neste seu novo trabalho, as invulgar faculdades de encenador cinematográfico que revelou nas suas obras anteriores, e que, o atirando para o galarrin aos 24 anos, conforme o leitor poderá ler noutra página deste número. Cito apenas três passagens do filme — as que merecem figurar no nosso quadro de honra —, bem demonstrativas do talento de Kanin e da sua enorme habilidade para dirigir actores: os espantosos diálogos com o juiz (desempenhado magnificamente por Granville Bates) e a cena de Ellen com os filhos, quando estes já sabem que ela é a sua mãe. Adorável momento esse!

Irene Dunne destaca-se de todos os outros intérpretes, não só porque o seu papel lhe dá essa possibilidade, mas também porque sabe nunca ser banal Irene é das tais que torna grandes as mais pequeninas coisas. Vê-la trabalhar é um extraordinário prazer! Cary Grant excelente como sempre, mas sem oportunidades para grandes voos.

Original e cheio de vivacidade e bom-humor, o acompanhamento musical de Roy Webb que sublinha de maneira muito feliz as paripélicas mais maliciosas do filme.

Não quero deixar de fazer referência às péssimas condições de projecção em que «Minha mulher favorita» foi apresentada ao público de Lisboa. Não se compreende que uma sala de primeira categoria, como a que estreeou este filme, não culde de modernizar a sua aparelhagem — para já não falar nas exigidas dimensões do seu écran. — D. M.

## «O LEÃO DOS MARES»

(Convoy)

O cinema inglês sofreu, durante a guerra de 14-18, um golpe tão rude que só agora, em vésperas desta, estava a caminho da completa restauração. E porque esta restauração era um facto e, também, porque a indústria cinematográfica não quer sofrer os mesmos precalços da guerra anterior, os estúdios ingleses continuam, mesmo através de dificuldades que facilmente se imaginam, a produzir. Como era de prever as obras a que os produtores maior interesse dispõem são aquelas que giram na atmosfera da guerra, quer para simples inspiração do ambiente, quer como nitida propaganda.

«O Leão dos Mares» que, agora, vemos enfileirar nesta última categoria de filmes. Nêlo aparecem misturados o documentário, a atitude intencional de propaganda e a pura afabulação, o contar duma história, por sinal bes-

taute fraca e artificial, que serve de moldura a tudo o mais.

Assina esta produção um dos mais novos directores ingleses Pen Tennyson, um antigo assistente de Alfred Hitchcock que já tem obra apreciável. Tennyson que é, principalmente um especialista em contar a vida da gente humilde, a sua rudeza e o seu humor, apesar de um pouco deslocado em «O Leão dos Mares» apresenta-nos um curioso trabalho desoando com talento o documentário e a propaganda com a história que é a mais sacrificada. O documentário tem aspectos sensacionais, actual e muito bem filmados — como alguns pormenores da batalha e as imagens que nos dão a tranquilidade do comboio em marcha. Da acção apontamos, porque o merecem as cenas que nos apresentam o pequeno cargueiro, pela primeira vez, e os momentos de expectativa que antecedem a grande batalha. O decurso desta tem, a certa altura uma montagem clássica.

A interpretação é, nos principais papéis correcta. Apont-se, no entanto, especialmente Clive Brook que mais uma vez nos aparece e, como sempre sóbrio, perfeito, cheio de presença e categoria. — F. G.

## PASSOU UMA MULHER

(Gueule d'Amour)

A visão destes últimos filmes franceses recordou-me um alarmado artigo de Edwin Schallert que li há muito tempo. Intitulava-se «Directors block american films»; nêlo se explanavam os embaraços que a produção americana encontra na Europa totalitária e continha uma afirmação interessante acerca do cinema francês. Dizia o autor, em palavras bem significativas, que a França estava produzindo cinema eficientemente na medida das necessidades do seu mercado interno, e que entre os seus produtores locais contava com grande número de cineastas emigrados de vários países os quais representavam naquele momento «some of the best minds in the cinema creation».

Vendo o filme que o Condes há dias estreeou e tendo presentes outros anteriores não se pode ter dúvida em aceitar como exactas as observações do cronista americano. O cinema francês vivia antes do colapso um dos seus momentos felizes. «Passou uma mulher» é obra de profunda emoção. Um simples caso de paixão territorial, provocado por uma mulher leviana que brinca perigosamente com o amor — é certo. Mas tratado com verdadeiro interesse cinematográfico, ferindo aspectos delicados, e conduzido até um desfecho naturalmente dramático. Ele é irresistível. Amado por todas as mulheres, julga tudo fácil em questões de amor, até o dia em que a encontra, «gueule d'amours», que o faz descer ao mais baixo da escala social.

Todos os intérpretes são óptimos, dando aos seus papéis tudo quanto exigiam da sua capacidade e do seu talento. Há por vezes — e este é ainda o único defeito que certos artistas franceses acusam — uma pontinha de entoação teatral nas suas falas. Mas é coisa de somenos e não deminui o valor de trabalho como o de Jean Gabin, Mireille Balin, René Lefèvre e Pierre Magnier.

Exemplo típico do filme dramático, chamamos para êle a atenção dos cineófilos, pois é notável o tom geral da realização de Jean Grémillon, que obedece aos cânones de um certo classicismo francês. Não esquecem as cenas finais em que a realidade e o romantismo parecem confundir-se. — A. F.

## «QUE NOITE DE NÚPCIAS AQUELA!»

O cinema perdeu a toada dos filmes cômicos puros. Buster Keaton e Harold Lloyd deixaram, praticamente de trabalhar. Oliver Hardy e Stan



Laurel repetem-se desesperadoramente, e ensaiam inutilmente outros parceiros, trabalhando cada vez menos. O próprio Chaplin produz tão esporadicamente que não basta para manter uma das tradições mais legítimas do cinema.

O riso refugia-se nas comédias, que, mesmo essas, perderam aquela louca animação que as tocou há uns três ou quatro anos.

Por isso nos soube bem rir a valer com a comédia de Gus Mein, preche de situações felizes e bem resolvidas, servida por um artista de primeira água: Charles Ruggles.

Charles Ruggles não é, mas parece, primo de Roland Young — um primo da América... A mesma timidez, a mesma graça involuntária; servida, no entanto, por uma cautividade que falta ao inolvidável «Toppers», o herói do «Par Invisível» e do «Homem que fazia milagres». Também tem qualquer coisa de Frank Morgan, do grande Frank Morgan; mas pode construir-se uma comédia toda ela à sua volta, uma comédia em que é ele o galã, o que nos parece difícil de conseguir com o protagonista do «Feticheiro de Oz».

Não se veja no paralelo feito qualquer insinuação de falta de originalidade. Charlie é originalíssimo, não deve nada a ninguém. Comparámo-lo apenas para chamar a atenção do leitor para uma categoria de artistas excelentes em que ele repara bem menos que nos papa-papéis do costume, galãs diplomados, astros de primeira grandeza no cartaz, mas que têm, tanta vez, menos mérito real que os seus camaradas mais velhos e mais esquecidos.

A anedota de «Que Noite de Núpcias Aquela!» foi bem encontrada e bem conduzida. Alguns «gags», principalmente aqueles que se valorizaram por sons artificiais e que citamos no Quadro de Honra, são felicíssimos. Oms Munson (a noiva) tem muita distinção e muita simpatia. Marion

Martin é uma loira vistosa. E Stepin Fetchit é o negro arrastado e desengonçado como um molusco, que sempre nos faz rir, a nós e ao público. — A. L. R.

## «PIEDOSA MENTIRA»

(«Sans Leudemains»)

Ainda há poucas semanas tínhamos visto Edwige Feuillère em «Fui Uma Aventureira» e em que de novo a encontramos num outro filme. Foi notada na outra produção, a maneira como interpretara o seu papel, provando mais uma vez quanto era grande actriz.

Esta impressão não pode deixar de se manter e de se vincar perante o seu trabalho no filme de agora. Simplesmente enquanto o conjunto de qualidades de «Fui uma Aventureira» concorria para realçar o trabalho dos intérpretes, em «Piedosa Mentira» — que Max Ophüls realizou — a lentidão da acção e a frouxidão de muitas situações provoca, evidentemente, um efeito contrário e apaga um pouco o brilho da interpretação. Edwige Feuillère é nisto a mais prejudicada por ser ela quem tem trabalho de maior responsabilidade. Georges Rigaud, num papel sem grandes exigências, limitou-se a confirmar as qualidades de naturalidade e presença que já tem afirmado.

O argumento de «Piedosa Mentira» é contado com bastante habilidade embora com lentidão e servido, quasi sempre por boa fotografia, que não sabemos a quem atribuir (as legendas do filme não indicam o nome do operador).

Em complemento de «Piedosa Mentira» vimos e ouvimos «Abertura de Rosamundes», pela Orquestra Sinfónica de Filadélfia, um complemento dos que provam um dos mais extraordinários serviços que o Cinema pode prestar — trazer a Lisboa ou a qualquer parte, uma orquestra daquela categoria. — P. G.

# FRANK JAMES!



Um nome que é um grito de VINGANÇA !... No filme «A JUSTIÇA DE JESSE JAMES», ficaram impunes os assassinos do bandoleiro audaz que jurara exterminar os destruidores da casa de seus pais. Seu irmão, FRANK JAMES, encarrega-se dessa terrível «vendetta»

## «O REGRESSO DE FRANK JAMES»

mostra-nos o que ela foi, nos seus aspectos de violência e de audácia. E tem por realizador o grande

# FRITZ LANG

O filme é uma produção da



TODA EM TECHNICOLOR

e vai ser apresentado pela FOX-FILMES

na próxima quarta-feira, 4

no ODEON e no PALÁCIO

## REGULAMENTO DO

# «REFERENDUM» DOS RETRATOS PARA A GALERIA DE «ANIMATÓGRAFO»

Artigo 1.º — Pelo «Animatógrafo» é criado um «referendum» com o fim de averiguar quais são os artistas que os leitores preferem ver publicados nos retratos-brinde.

Artigo 2.º — Para esse fim organiza-se uma «escada» na qual os artistas serão ordenados pelo número de votos que tiverem.

Artigo 3.º — A partir da publicação deste regulamento a votação será contada pelas «senhas de voto» que se publicarão em todos os números do «Animatógrafo» e nas quais os leitores escreverão os nomes dos seus artistas preferidos — um homem e uma mulher.

Artigo 4.º — De todo o artista que até às 19 horas da sexta-feira de cada semana ocupar o primeiro «degrau da escada», será publicado o retrato-brinde no «Animatógrafo».

Artigo 5.º — A todos os artistas que atinjam as condições do artigo anterior serão anulados todos os votos, recomeçando desde zero a contagem e só voltando a ser publicado um retrato quando novamente atinjam o primeiro degrau da «escada».

Artigo 6.º — Os casos não previstos neste regulamento serão resolvidos pela direcção de «Animatógrafo».

«Animatógrafo» publicará todas as semanas os dez primeiros «degraus da escada» para os leitores seguirem melhor a competição. E nada impede que um artista que numa semana apareceu em segundo lugar apareça, na outra, ultrapassado por outro que até aí nem figure entre os dez primeiros, o que, todavia, não será natural.

Até esta altura já na nossa redacção recebemos muitos votos que, apesar de serem em cartas serão contados, pois vieram antes da publicação das senhas. A partir, porém, da publicação destas, só os votos que obedecerem às condições do regulamento serão contados.

Dada a necessidade de juntar um suficiente volume de votos para ser, tanto quanto possível, nítida a situação dos votados, só a partir do n.º 7 comearão a ser publicados os retratos dos artistas eleitos pelo «referendum». Mas uma vez, no entanto, esclarecemos que a partir de hoje só se contam os votos que nos forem enviados nas senhas. Estas serão publicadas por «Animatógrafo» na margem para que se possam cortar sem a inutilização do Jornal.

Na primeira publicação da escada também figurará o lugar ocupado até então pelos artistas cujos retratos já tiverem sido publicados, para conhecimento dos leitores. Obedecendo, porém, às condições do «referendum», os seus votos serão anulados, recomeçando a contagem a partir do próximo número.

E agora votem!

SENHA  
DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo» os retratos seguintes:  
Actriz:.....



# O Corriente de Bel Tenebroso

UM ADMIRADOR DE SILVIA SIDNEY. — *Multiplex e Bel-Tenebroso* são duas entidades absolutamente distintas. E a prova é que um assinava a correspondência de «Cinédios e outro» a do «Cine-Jornal», muito tempo antes dessas revistas suspenderem a sua publicação. A «Alegre Divorciada» produção da R. K. O.-Radio Pictures (distribuída em Portugal pela Allanca-Filmes, Ltd.), foi realizada por Marek Sandrich. — Silvia Sidney chamava-se, na realidade, Sophie Kosow. Foi adoptada pelo dr. Sigmund Sidney, de modo que levou para a tela o apelido de seu mentor. — Transmiso a *Uma Loira Madriense* o teu desejo de te cartearas com ela.

KALLIKRATES. — «Animatógrafo» agradece-te os teus bons votos. Esperamos que a revista te continue a dar sempre inteira satisfação.

ESUDANTE DE OXFORD. — Compendo perfeitamente a razão por que me não pudeste escrever no dia de S. Martinho... Estás desculpa, pois... Espero que agora, me escrevas com regularidade.

7. — Muito gostei de ler a tua carta, e devo dizer-lhe que reconheci a letra a distância. Com que então, a sua amiga *Aleitejana dos Olhos Verdes emorruca?* Há-de dizer-lhe que chorei uma lágrima verde (era a cor da tinta com que ela me escrevia...) e que no altar das saudades, em lembrança da sua passagem por este mundo, depus um raminho de violetas, orvalhadas da bons desejos de felicidade. — A tua carta, sob o esmago de «Pinochios», fez-me cliente de que tem aproveitado bem o seu tempo. — O Monte dos Vendavais afastava-se muito do romance do mesmo nome. Quando se lê um livro e se vê, depois, que o filme se desvia do curso do mesmo, sofremos sempre uma decepção. É legítima, pois, a impressão que V. fez. Mas creia que a adaptação de Ben Hetch e Charles Mac Arthur se pode considerar modelar. — «Ninetochas» é de facto, um filme magnífico. E a Garbo continua ainda a ser a Divina. Que maravilhosas intérprete.

CAPITA, FÓRIA. — Obrigado, pelos teus votos. — Greta Garbo nasceu em Estocolmo a 18 de Setembro de 1906. Tem, portanto 34 anos. — Chaplin nasceu em Brixton (Londras) a 16 de Abril de 1889. — O primeiro filme de Gloria Jean será exibido na presente temporada.

UM SANTO, ETC. — Resumi o teu pseudónimo por que é extravagante em demasia. Espero que me aparesças sob um nome publicável... Sanado esse pequeno conflito entre a tua fantasia e a minha mesa, cederá, passo a responder à tua simpática carta. — Tudo indica que o cinema português, cujos progressos técnicos muito bem sublinhas, se oriente noutro sentido mais lato, ne que diz respeito aos temas tocados. A ver vamos.

RUDOLFO VALENTINO. — Muito grato, pelas tuas boas palavras. Aqui me tens, pronto a responder-te, gostosamente. Aguardo, pois, a tua próxima carta.

PINOCHIO. — Tens razão quando afirmas que o cinema é o melhor espectáculo do nosso século. Considero-o mais do que um espectáculo: uma verdadeira necessidade espiritual! — Espero que, desta vez, tenhamos oportunidade para trocar impressões. Eu estava tentado, noutro dia, a ir ao Porto, só para ver a Deanna, de quem ando, tão saudoso. E agora que ela está na idade das Ilusões, ainda lhe quero mais, pois é a única actriz da sua v. em que se poderá convencer de que eu sou o noivo que na realidade lhe covém... Que bela re-

Para começarmos a atenuar desde já o atrazo que a acumulação crescente de cartas origina, «Animatógrafo» publica hoje duas páginas de respostas

portagem para o «Animatógrafo!» Está a ver o título? «O nosso camarada de redacção Bel-Tenebroso casou-se, ontem, em Hollywood com a vedeta Deanna Durbin. E logo, abaixo, outra notícia: «Dorothy Lamour, desapeitada, declarou que espera que se divorcie, para poder realizar o seu sonho...

SCARLET. — Seja bemvinda, senhora minha! Onde foi buscar o seu pseudónimo? As páginas do *Gone With The Wind* ou ao herói da Baronesa Orozy?!... Muito desvanecido, com as suas palavras e com o interesse que a minha prosa lhe merece. Estou certo de que vamos ser bons amigos. — A minha irreprimível antipatia pelo Nelson Eddy, não me impede que admita que ele tenha entusiásticas admiradoras. De resto, se assim não fosse ele não seria actor... Não gosto do Nelson Eddy pela mesma razão que detesto a sopa de abóbora. Questão de paladar, e nada mais. No entanto aprecio a sua bela voz, se bem que tenha a sensação de que ele canta dentro dum popo... Com que então V. achou-o «eloio mais bonito do cinema?»... Estou a vê-la, perante o seu ídolo: só loiro, dá cá o pé... — Balalika e Rebecca devem estrear-se dentro em breve. — Posso informá-la de que *O vento o levou* ou *Levada pelo vento* (*Gone With The Wind*) será apresentado em Portugal, na próxima temporada. Está ansiosa por ver a sua homónima nos braços de Clark Gable, não é verdade?!

UMA GAROTA SEM IMPORTANCIA. — Apreciei muito a tua carta, impregnada de tão viva e sincera simpatia! Retribuo igualmente os teus bons votos. Já sabia dessa assídua correspondência, e espero que me avises quando for o grande acontecimento, pois Bel-Tenebroso não quererá deixar de vos enviar uma saudação muito especial. Cá fico à espera de que cumpras a tua promessa e me des as tuas notícias amiludadas vezes. A tinta verde com que me escreves, autoriza-me, aliás, a ter esperança, de que tal suceda.

AURELIO DOS SANTOS NUNES. — Cá recebi a foto com os bons votos que a acompanha. Transmiso ao director de *Animatógrafo*. Obrigado. — Ignoro o que se passou com as fotos a que aludes. Creio que devem ter sido todas expedidas.

UM POETA CAMARADÃO. — Não fiquei emeludado (que ideia?!...) com o acuro amigos, que encima a tua carta. Antes pelo contrário: esse tratamento desvaneceu-me. Espero agora que me escrevas com frequência, pois estás apresentado, como se diria em linguagem militar.

UM QUE PERDEU O PSEUDÓNIMO. — Pois é encontrá-lo, meu caro amigo! — Obrigado pelos incondicionais parabens, que nos envia. *Animatógrafo* rende-se, sem condições, perante a tua simpatia e amabilidade. — No que diz respeito à minha pessoa, não estejas em cuidado!... «De homem para homem, para me servir da expressão favorita do Mickey Rooney, deixa-me dizer-te que achei graça aos teus conselhos. Que grande mágoa!... Tens dores de cotovelo?... — E espero a tua próxima carta com mais latim e fórmulas algébricas...

FOTOGÉNICA. — Viva! Que é feito de ti! Que prazer em tornar a ler-te.

Vejo que fazes evidentes progressos em dactilografia. Aparte meia dúzia de imperfeições, estás apta a poder concorrer ao lugar de minha secretária... — «Quando te tornar a encontrar no Chiado, dizes tu Mas estás enganada, com certeza. Se estou em toda a parte e ninguém me vê, como é possível que me descubras nessa ladeira de tentações, sob a forma de qualquer mortal? Esquece-te de que Bel-Tenebroso é como a electricidade, apenas se lhe conhecem os efeitos. Com uma diferença: não há o perigo dos curto-circuitos... — Acredito que Ninotchka te haja entusiasmado. Por mim, nunca vi mais deliciosa embrulhada feminina do que a de Garbo, tão gentil, tão delicada, a tal ponto que se compreende perfeitamente que o Melvyn Douglas lhe tenha posto na frente o diadema de grã-duquesa e haja deixado aos sonhos o encargo de prolongar indefinidamente o extase inconsciente, daquele momento...

BEL, O PIRATA. — Agradeço e retribuo o teu abraço, amigo. Pelo que vejo, a sveiha guardas eborene, não faltou à chamada! Espero, agora, a tua próxima carta.

BENJAMINA. — A-pesar-de com adorável sem cerimónia me chamar «batoteiros e intriguistas», de dizer que tenho «zoomphs» e que lhe lembro certa figura de relévo na política mundial que conjuga com intimativa o verbo «querer», a-pesar-de tudo isso, repito, gostei muito, muito, de ler a tua carta. Como diria uma rapariga de hoje (mesmo sem alma dum Sylvia-Rosalind-Russel-Fowler...) é um «amor» de carta. — As suas três perguntas respondo, com vaeência crescente: não, não... e não! — V. parecia-me a pessoa indicada para escrever o argumento do filme *Men que fosse a réplica a Women*. Mas por mais que procure, mesmo nos píncaros das serranias onde se costuma perder, nunca mais encontrarei correspondência masculina, para a Sylvia Fowler... Não se zangue com estas afinidades... Sem pretender imiscuir-me no inquérito de *Animatógrafo*, aqui vai a minha opinião: Se as mulheres não fossem assim, tão curiosas, tão deliciosamente intriguistas (*estou vingado do epíteto semelhante com que V. me mimoseou*) tão inconstantes, tão perigosamente sedutoras, tão belas, tão diferentes e tão semelhantes, pobre da Humanidade e pobres dos homens! O mundo era uma sensaboria. — Quanto aos travões de que me fala, deixe andar... Não há nada mais emocionante, do que deslizar por uma rampa, sobretudo quando não sabemos se os travões obedecem à primeira voz... — Quanto ao tal pseudónimo, vou pensar. — *Benjamina* saúda as cinco leitoras que apareceram nesta secção, no 1.º número de *Animatógrafo*. — Até para a semana.

ARSENÉ LUPIN. — Bem aparecido sejas, leitor amigo! Muito gosto em re-ler-te. Saúdo, em teu nome, conforme pedes, *Mob-Ilia, Maria Cotovin, Benjamina, Uma Garota Sem Importância, Uma Loira Madriense*. — Obrigado pelos teus bons votos. Agora, que estás apresentado, espero as tuas notícias, com a regularidade doutros tempos.

REL. SEM TRONO. — Conheço de tradição o lugar e o cinema que referes. De facto, tens razão... Mas que poderemos nós fazer?! — Escreve a Deanna Durbin, para Universal Studios, Universal City, Califórnia. Se queres ter a certeza de receber a foto, junta ao pedido 15 centimos, ou sejam cerca de quatro escudos, em «coupons» internacionais (qualquer casa bancária te informa sobre a me-

lhor maneira de remeter o dinheiro — *Porto de Abrigo* está em vasa da conclusão. Ainda se não sabe onde será estraido. O *Homem do Ribatejo*, por ora, está na massa dos imprevistos. — Afirma-se que Shirley Temple se retirará da tela. Mas, não creio que Pássaro Azul seja, mesmo na fase actual da menina dos caracóis, o seu último filme. — Transmiso as tuas saudações a *Miss Baby, Esfinge, Bob Taylor, Raffles* e *Conde Axel de Fersen da Suécia*.

STUART MEDEIROS. — Para que eu te responda, é mister, apenas, que me escrevas. O meu endereço é: *Bel-Tenebroso, Redacção de Animatógrafo, R. do Alecrim, 65, Lisboa*. — Estas tomadas todas as providências para que as respostas não sofram muito atrazo. De modo que escreve sem receio! Terás resposta. Combinado?

CONDE AXEL DE FERSEN DA SUECIA. — A propósito de *A Dama dos Trópicos*, e da «embrulhada» que quasi todos os homens nutrem pelo Robert Taylor, ouvi da própria boca da Michèle Morgan esta justificação essa animosidade: «Vv, não gostava dele, porque é um homem bonito. Quanto a mim, é justamente o seu físico que mais me encanta. O que me faz supor que a Bárbara Stanwyck logo que a Michèle chegue a Hollywood, tenha que montar um serviço de vigilância muito apertado... — Pelo que me contas, não te escapou um único filme na presente temporada. Até foste ver a *Seita do Circulo Vermelho*! — De facto, se escreveste três páginas de papel de máquina, em letra mais cerrada do que uma coluna alemã, sem ter assunto, o que farias se o tiveses?... Ainda estava a ler a tua prosa, a estas horas...

ESTUDANTE COIMBRÃO. — Maria da Graça tem 17 anos. Podes escrever-lhe por intermédio da nossa revista. — Deanna Durbin interpretou até hoje os seguintes filmes: *Todos os Domingos*, filme em duas partes, com Garland; *Três Raparigas Modernas*, 106 homens e uma rapariga, *Doida nos misticos*, *A Idade das Ilusões*, *As Três Raparigas Cresceram*. — O primeiro amor de Gata Borradeira. *Uma foto memorável* (It's a date) e *Spring Parade*. — Leitão de Barros pensa regressar à actividade cinematográfica. — Obrigado pelos teus bons votos. B escreve sempre.

RAFFLES. — Cá ficas inscrito na lista dos mais assíduos (espero!) dos meus consultantes. Podes escrever sempre que te apeteça, pois o maior prazer te atenderé. — Obrigado pelas tuas entusiásticas referências a *Animatógrafo*, ao seu director e a todos os colaboradores.

BOB TAYLOR. — Pelo que me contas, *Animatógrafo* agradeu-te sem reservas. Ainda bem. As palavras com que aprecias a minha carta são filhas da tua muita simpatia. Eu, escritor?!... Que ideia. No entanto, estaria disposto a concorrer com o meu correio a um prémio «Sóror Mariana» destinado a galardoar as melhores epístolas... — Transmiso os teus cumprimentos a *Shirley Aviadora, Marias de Portugal, Antinea Rainha sem Trono e Raffles*.

JUAREZ. — Segundo consta, ou melhor pelo que se deprende de algu-

## POSTA RESTANTE

BRONNHILDE — Tenho em meu poder uma carta dum leitor para V. Queira fazer o favor de indicá-la para onde a hei-de remeter.

BENJAMINA — O autor dum livro, publicado recentemente, remeteu-me um exemplar, com uma amável dedicatória para si. Agradeço-lhe que me comunique a forma de o enviar ao seu destino.

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.



# O Correo de Bel Tenebroso

mas noticias vindas a lume em revistas estrangeiras, a Warner fez um filme de ambiente português, e no qual Jane Bryan apparece vestida à moda do Minho. Não tenho outros pormenores que te possa dar. Mas vou ver se consigo, dentro de algumas semanas, dados positivos sobre o assunto. — To tens que me pedir desculpa por escreveres à máquina. Antes pelo contrário. As cartas dactilografadas são mais fáceis de ler.

**MARILIA.** — Muito simpática a tua cartinha. Avalio bem a falta de teiras sentido com a ausência de revistas portuguesas de cinema. De facto, as publicações brasileiras da especialidade, se bem que interessantes, ficam aquém dos nossos desejos. Considero Mickey Rooney um dos mais espantosos actores do cinema. É um actor de génio. Na comédia e no drama, impõe-se como um autêntico valor. — Feita, como V. diz, a sua apresentação (e V. é bonita e apresenta-se bem, para me servir da inspiradíssima letra daquela popularíssima cantiga, sucessora da valsa «Mãe», na perseguição que nos move...), feita a sua apresentação, ia eu dizendo, aguardo agora novas cartas suas.

**BOB TAYLOR.** — Ficas prevenido de que se me torras a descrever o Jardim Botânico e os diversos exemplares da flora que all proliferam, te deixo duas ou três semanas de castigo. À porta desta secção. — *Raffles* é um filme curioso, muito bem realizado e com uma interpretação muito agradável de David Niven e dessa angelical Olivia de Havilland, que se não é a bondade em pessoa, imita muito bem. — Com que então, po Balcão de 1.º ordem do Tivoli, estavam quatro raparigas a ler o *Animatógrafo*? E uma delas (também bonita por sinal) era minha conselheira? Mas tu surpreendes-te? Quando vires, nos cinemas, uma espectadora bonita, e, demais a mais, com o *Animatógrafo* na mão, não necessitas de outra apresentação e limitas-te a dizer: «Eu sou o Bob Taylor (cautelosa com as delicias!) e Vv. como se chamam?»

**REI DA SELVA.** — O director de *Animatógrafo* agradece o teu «Bem Hajas». De facto, na redacção de *Animatógrafo* figuram os nomes mais representativos da imprensa cinematográfica portuguesa. — Espero agora que me escrevas mais vezes.

**PETRONIO.** — Não acho o teu pseudónimo nada sensaborão. Petrólio na velha Roma, foi mais do que o árbitro da elegância: uma pessoa que marcou pelos primeiros do seu espirito. Não te admires da minha evadido. Reporto-me apenas ao *Quo Vadis!* — *Animatógrafo* publica, por certo, argumentos romancados dos filmes. O primeiro filme em technicolor que se exhibiu em Portugal foi *A Cucuracha*, com Steffi Dunna. — Os mais notáveis filmes de Mickey Rooney são, fora de dúvida, *The Young Tom Edison* (Tom Edison, o pequeno génio), *De Braco Dado*, que veremos esta temporada, *Homens de Amanhã*, a série da *Família Hardy*, *Três Pequenos Gangsters*, etc. Cito este último, onde a cabeça do elenco figurava Freddie Bartholomew, por que Mickey tinha nele uma espantosa criação. A cena em que, pelo esulto da luz eléctrica, tem conhecimento do instante em que o pai está a ser electrocutado é inesquecível. — Saudades à rapaziada amiga al do Porto. Se vires aquele leitor que me escrevia com o estranho pseudónimo de Moeda Falsa, diz-lhe que eu estou à espera das suas noticias.

**CONDE MISTERIOSO.** — Fiquei assombrado, com a tua afirmação: só há uma mulher na Cinelândia por quem seria capaz de me apaixonar: Judy Garland. De duas uma: ou a paixão é avassaladora e absorvente, ou tu és muito exigente. Do mal, o menos: não tens o embaraço do chocho... Por mim, se me visse na Cinelândia transformava o meu coração em arranha-céus, com tantas dependências, como o Rádio-City, para ter

um cantinho onde albergar esta e um vão de escada, onde albergar aquela. Digo-te mais: poria uma máscara como o «Máscara de Ferro», não só para me livrar de tentações, como ainda e sobretudo para não arranjar um torcicolo: olhar para a esquerda, para ver a Lamour; para a frente, por causa da Lane Turner; para o lado, por via da Crawford. — Para cima pelos lindos olhos da Deanna, etc., etc. — Eu também gosto da Judy. Ela tem, na verdade, *sits, ssex-appeals, schiens*, e outras coisas mais que lhe dão aquele arzinho picante e tímido ao mesmo tempo, que é de voltar o juízo ao mais sisudo. — A foto a que te referes é, na verdade, a de Maria da Graça. Escreve-lhe por intermédio

da nossa revista, que ela satisfará o teu desejo oferecendo-te uma foto autografada.

**DEANNOFILO.** — Muito simpáticas as palavras que dedicas a *Animatógrafo* e aos seus leitores. Obrigado. — É certo que os filmes americanos, em regra, são estreados em Inglaterra, antes de Portugal. Mas é absolutamente lógico que tal aconteça, porque a Inglaterra tem sido até aqui, na Europa, o mais importante mercado do cinema yankees, não só pela actuação da lingua, como ainda pelo número de cinemas que possui, e, consequentemente pelo volume do negócio. Quanto ao Brasil já assim não succede, dum modo geral, se bem

que seja um dos mais vastos e importantes mercados das Américas latinas. Se folheares o último número de *Cinearte* chegado a Lisboa, verás que quasi todos os filmes em exhibição já passaram cá. *Scarface* produção de 1932, só agora foi ali apresentada. Há outra circunstância a atender: Quando lá é inverno, é verão na Europa. De modo que eles levam seis meses de avanço, sobre nós, no que toca à estreia dos filmes, por força das condições climáticas, que, como tu sabes, tem uma influência decisiva sobre a qualidade dos programas a exhibir... — O Brasil tem ainda a seu favor, entre outras, a vantagem de todas as firmas americanas fazerem a sua distribuição directa, o que em Portugal não acontece. Assim, por exemplo, só agora, devido aos bons esforços da S. F., estamos a começar a ver com regularidade a excelente produção da Warner. — Quanto aos dados biográficos da Linda (nunca um nome foi tão bem posto...) Darnell: Tem 16 anos e cinco irmãos. Desde pequena foi uma apaixonada pela Arte de Representar. Em Dallas, no Texas, onde nasceu, fez parte do grupo dramático das *Cathedral Players* de Dallas. Mac Cleveland Barclay escolheu-a para modelo do cartaz da feira de Dallas. Tentou entrar para o cinema, sem resultado. Depois fizeram-lhe um teste, que durou 12 horas. Acabaram por lhe reconhecer talento. Após um pequeno papel em *Hotel das Mulheres* que a lançou, foi *leading-lady* de *Tyrone Power* em *Telhados de Vidro* e vedeta da *Estréla Luminosa*.

**TONY.** — Porque é que V. há-de escrever em inglês às estrélas americanas, se escrevendo na nossa lingua é igualmente atendido? No entanto, se preferir escrever-lhes em inglês, diga, que lhe enviarei o rascunho. Em qualquer caso, ponha sempre, no final da carta, de forma bem visível, a sua direcção. — Quanto ao que me pergunta, sobre o envio de dinheiro, não sei bem o que he-de responder-lhe, tanto mais que não cito o nome da vedeta de quem V. quer solicitar a foto autografada. Há estrélas, que enviam o retrato sem mais complicações. Outras exigem a remessa de determinadas quantias, para satisfazerem o pedido dos seus admiradores. — Para seres actor, num filme, nacional, não necessitas de ter habilitações literárias, em determinado grau. Isto é: não te exigem o 7.º ano de Liceu ou o exame de instrução primária... Pedem-te apenas aquilo a que habitualmente se chama *spéitos*. Se na realidade sentes que o tens, quando souberes que há um filme na forja apparece ao realizador a dizer: aqui estou. Põe os olhos na Madalena Sotto, que há pouco mais de dois anos me escrevia, de Oliveira de Azeméis, com o pseudónimo de *Betty Blond* a dizer-me da sua vontade de entrar para o cinema, e que hoje triunfou, mais no Teatro do que no Cinema, como aliás ela preferia. Se tens qualidades para a tela, não desanimas. A tua hora chegará um dia.

**CINÉFILO TIRSENSE.** — Com que então, a tua impressão de *Animatógrafo* resume-se numa palavra: admirável? Ótimo! Agradecemos-te a propaganda que tens feito da revista. — A parceira de Charlot em *Luces da Cidade*, foi Virginia Cherril. — Não te posso dizer se há outros correspondentes si em Santo Tirso. Serêdo profissional. — Verás, dentro em breve, a tua, ou melhor, a nossa Deanna Durbin, nas páginas do *Animatógrafo*.

**I LOVE YOU, HELEN.** — Feliz pequena! Uma confissão pública desta ordem! Que maior prova exigirá ela de ti?... — Transmuito ao Director de *Animatógrafo* as tuas congratulações pela sua obra. — Clajo que posses escrever-me, sempre que quiseres.

## ÚLTIMA HORA «Animatógrafo» publica as primeiras fotografias de MICHELE MORGAN TIRADAS EM HOLLYWOOD



Michèle Morgan, contratada pela R. K. O. — Rádio Flimes, chegou a Hollywood depois de ter passado por Lisboa. Al encontrou Signe Hasso, uma actriz sueca que conhecera quando filmou, na Suécia, «La Loi du Nord», de Jacques Feyder, e que por feliz acaso se encontra também contratada por aquela empresa.



Voltou-se o feitiço contra o feiteiro, Michèle Morgan, habituada aos capadores de autógrafos, fez também de cinéfila quando, pela primeira vez em Hollywood, foi a um cinema. Pediu um autógrafo a Jack Oakie, que aqui se vê acompanhado da mulher, no meio duma multidão de mirones.

Bel-Tenebroso



# ELLES & ELLES



**MICHÈLE MORGAN** Portugal está na base da carreira cinematográfica de Michèle Morgan, uma das mais extraordinárias personalidades do cinema de França, a quem os jornais do seu país chamavam «notre Michèle nationale» — uma designação que dispensa comentários.

Foi de facto um português, que é ao mesmo tempo uma das mais consideradas figuras do cinema francês — o produtor A. de Aguiar — que lhe deu a primeira oportunidade e lhe facilitou os primeiros passos no país de sonho que é um estúdio, fazendo-a figurar no celebrado «Míudo». Michèle era uma das alunas do pensionato que faziam Lucien Baroux em fel e vinagre, uma das muitas «mãezinhas» do «mioche» azougado e gorducho.

Mas não fica por aqui a influência preciosa do «Míudo» na carreira de Michèle Morgan, pois foi a «script girl» daquele filme, a simpática Jeanne Vita, que um ano depois sugeriu a Marc Allegret escolher Michèle Morgan para «partenaire» de Raimu em «Gribouille». O êxito de Michèle em «Gribouille» foi total, esmagador. Era a primeira vez que, nos últimos vinte anos, aparecia no cinema francês alguém diferente — verdadeiramente jovem, de vincada personalidade, de talento indubitável, autenticamente cinematográfico. Era a primeira vez que o cinema francês se libertava da influência teatral que, desde o famigerado Film d'Art de 1908, sobre ele tinha sido inexoravelmente exercida!

«Gribouille» é o ponto de partida duma carreira excepcional, de que são «étapes» assinaláveis «Veneno», «Qual des Brumes», «La Dame de Coeur», «La Loi du Nord», «Les Musiciens du Ciel» e «Dama de Copas», (L'Entraineuse) que a Lisboa Filme estreou há pouco em Lisboa. E vai apresentá-la agora em «Longe do Mundo» (Le Récif de Corail). Um magnífico contrato americano acaba de coroar uma carreira excepcional a que um português deu origem.



# Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



OSCAR DE LEMOS E VIRGINIA SOLER, numa cena pitoresca de «Pôrto de Abrigo», de Lisboa-Filme

ESTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: ALICE FAYE E SPENCER TRACY